

# VISÃO SP

N.º 31 | Ano 15 | Julho 2023 | Semestral | € 0,01

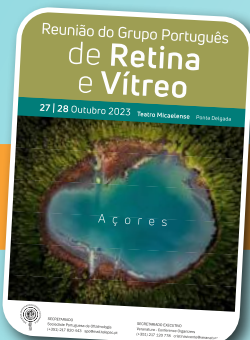
Direção da SPO para o biénio 2023-2024 fotografada no dia da tomada de posse, no passado mês de janeiro (da esq. para a dta.): Dr. Miguel Raimundo (secretário-geral adjunto), Dr.ª Joana Cardigos (secretária-geral), Dr.ª Rita Flores (presidente), Dr.ª Angelina Meireles (vice-presidente), Prof.ª Lilianne Duarte (vogal), Dr.ª Isabel Prieto (vogal) e Dr. Luís Torrão (tesoureiro).



## SPO VERSÁTIL E REPRESENTATIVA DE CADA SÓCIO

Em exercício desde janeiro, os membros da atual direção da Sociedade Portuguesa de Oftalmologia (SPO) explicam as linhas orientadoras que traçaram para o biénio 2023-2024. Além da continuidade de alguns projetos iniciados pela direção anterior, destacam-se iniciativas inovadoras, como a criação de um registo nacional de doenças oftalmológicas e de uma unidade de apoio à gestão e estratégia. No fundo, o maior objetivo das atividades promovidas e planeadas é “dar à SPO a versatilidade necessária para que cada sócio se sinta representado”, como afirma a presidente, Dr.ª Rita Flores **P.6-9**

## UM ANO PRODUTIVO EM ATUALIZAÇÃO CIENTÍFICA



No primeiro semestre de 2023, decorreram várias reuniões organizadas pela SPO e seus grupos de trabalho, cujo principal objetivo é promover a constante atualização de conhecimentos nas diversas áreas da Oftalmologia. Destacam-se a reunião conjunta do Grupo Português de Cirurgia Implanto-Refrativa com o Grupo Português de Superfície Ocular, Córnea e Contatologia (**P.26-28**), a Reunião do Grupo Português de Glaucoma (**P.22-23**) e a Reunião Anual dos Internos de Oftalmologia (**P.18-19**). O segundo semestre arranca com a SPO de Verão, seguindo-se a Reunião do Grupo Português de Retina e Vítreo (**P.15**) e o 66.º Congresso Português de Oftalmologia.



# Pare a sua miopia, não o seu futuro.<sup>1\*</sup>

As lentes de contacto MiSight® 1 day  
travam a miopia em **59%\***

Para realizar a formação sobre a MiSight® 1 day  
deve aceder em:

[www.CooperVision.pt/cursos](http://www.CooperVision.pt/cursos)

Mais informação sobre MiSight® 1 day em:  
[www.CooperVision.pt/profissionais/misight](http://www.CooperVision.pt/profissionais/misight)



CooperVision®

Número de Registo na Infarmed 86066

\*Chamberlain P et al. Long-Term Effect of Dual-Focus Contact Lenses on Myopia Progression in Children: A 6-year Multicenter Clinical Trial. Optom Vis Sci. 2022; 99(3): 204-212



# BALANÇO DO PRIMEIRO SEMESTRE DE MANDATO

Caros colegas e amigos,

**P**assado o primeiro semestre ao leme da Sociedade Portuguesa de Oftalmologia (SPO), sinto que é tempo de apresentar o primeiro balanço. Começo por reafirmar o entusiasmo e o empenho que coloco nesta missão de representar todos os oftalmologistas portugueses, enquanto presidente da SPO, com sentido de responsabilidade, dedicação e humildade.

Também reforço o meu agradecimento pelo voto de confiança que recebi e peço a todos os sócios para me ajudarem nesta tarefa. Podem comunicar opiniões, partilhar propostas e dialogar comigo e restante equipa diretiva, que, dia após dia, se empenha na preparação e na divulgação de iniciativas em nome da SPO.

Neste primeiro semestre, entre fevereiro e abril, no âmbito da atividade formativa mais global e generalista, realizámos o Curso de Simulação Cirúrgica de Catarata Básica (página 20) e o Curso de Ciências Básicas em Oftalmologia para os internos de formação específica do primeiro e segundo anos (página 21). Estas são iniciativas formativas que a SPO organiza em colaboração com o Colégio da Especialidade de Oftalmologia da Ordem dos Médicos. Saúdo o Dr. Augusto Magalhães pelo sinergismo tão positivo entre o Colégio de Oftalmologia e a SPO, que tantos projetos comuns tem permitido, a bem da formação dos oftalmologistas e do progresso da Oftalmologia nacional.

Ainda este ano, vamos aplicar um inquérito de satisfação, que será importante para podermos melhorar os conteúdos e o formato do Curso de Ciências Básicas em Oftalmologia. Queremos que esta formação seja, cada vez mais, uma ferramenta didática de excelência e uma mais-valia para as gerações mais jovens.

Decidimos dar continuidade à série de *webinars* “Quartas da SPO”, projeto desenvolvido no mandato anterior. Trata-se de um espaço de discussão temática, acessível *online*, com utilidade reconhecida por todos os oftalmologistas. Este ano, já foram organizados seis *webinars*, pelos grupos de Inflamação Ocular (fevereiro), SPO Jovem (março), Retina e Vítreo (abril), Superfície Ocular, Córnea e Contactologia (maio), Investigação (maio), Glaucoma (junho) – mais informação na página 14.

Até ao final do ano, serão organizados mais quatro *webinars*, pelos grupos de Patologia Oncológica e Genética Ocular (19 de julho), Cirurgia Implanto-Refrativa (setembro), Órbita e Oculoplástica (outubro) e Ergoftalmologia e Baixa Visão (novembro). Temos registado uma adesão significativa a este formato de reuniões, tanto em direto como em diferido, na biblioteca digital, onde os vídeos e outros conteúdos ficam disponíveis para pesquisa futura.

## DINAMISMO DAS REUNIÕES PRESENCIAIS

Em março, recebemos a Reunião de Inverno da Sociedade Europeia de Cirurgia Implanto-Refrativa (ESCRS), em Vilamoura, que estava programada para 2022, mas foi transferida para 2023 devido às restrições da pandemia Covid-19 que ainda se verificavam no ano anterior. Integrada nesta reunião europeia, decorreu a Reunião Anual do Grupo Português de Cirurgia Implanto-Refrativa e do Grupo Português de Superfície Ocular, Córnea e Contactologia da SPO (páginas 26-28).

O ambiente mais “internacional” conferiu, seguramente, mais-valias científicas e um contacto pessoal facilitado com colegas de outros



## RITA FLORES

Presidente da Sociedade Portuguesa de Oftalmologia

países. Agradeço ao Dr. João Feijão e ao Dr. Nuno Alves por toda a colaboração na organização do programa científico e seleção dos palestrantes, bem como pela atenção cuidadosa a um sem-número de detalhes que, com toda a competência e zelo, proporcionaram um espaço de partilha científica e salutar convívio entre colegas e amigos.

A Semana do Glaucoma ocorreu também em março, com uma divulgação robusta e inovadora dirigida à população em geral, mas também a médicos e outros profissionais de saúde, sobretudo das áreas de Medicina Geral e Familiar e Pediatria (página 24). Dinamizada pelo Grupo Português de Glaucoma, foi uma semana plena de informação, que sensibilizou pela sua abrangência temática, pela autenticidade e pela capacidade de aliar notas de humanismo às mensagens transmitidas.

Em abril, o Grupo Português de Glaucoma ofereceu-nos ainda uma reunião clínica de interesse inquestionável, que se centrou nas complicações do glaucoma, sejam de diagnóstico ou relacionadas com a terapêutica (páginas 22-23). Agradeço à Dr.ª Teresa Gomes e ao seu grupo de trabalho pela dedicação e pelo dinamismo na organização destas duas iniciativas.

No início de junho, realizou-se mais uma edição da Reunião Anual dos Internos de Oftalmologia (RAIO), organizada por e para internos e jovens oftalmologistas, num ambiente descontraído e envolto pelo agradável cenário de Montargil (páginas 18-19).

Finalmente, ainda antes das férias (7 e 8 de julho, em Torres Vedras), teremos a Reunião SPO de Verão, com “Duetos em Oftalmologia”, ou seja, diálogos e debates sobre temas como retina e baixa visão, catarata e estrabismo, oculoplástica e patologias oncológicas, inflamação ocular e neuroftalmologia (página 15). Associaremos à vertente científica algumas surpresas adequadas às noites de verão, num espírito pré-férias.

**Continuaremos com o mesmo entusiasmo e mais propostas merecedoras do vosso interesse. É esse o nosso principal propósito!**

## FICHA TÉCNICA



Propriedade:  
Sociedade Portuguesa de Oftalmologia

Campo Pequeno, n.º 2, 13.º andar, 1000-078 Lisboa  
Tel: (+351) 217 820 443 • Tlm: (+351) 924 498 989  
geral@sportalmologia.pt • socportoftalmologia@gmail.com  
www.sportalmologia.pt



esfera das ideias  
PRODUÇÃO DE CONTEÚDOS

Edição: Esfera das Ideias, Lda.

Rua Eng.º Fernando Vicente Mendes, n.º 3F (1.º andar), 1600-880 Lisboa  
Tlf: (+351) 219 172 815 / (+351) 218 155 107 • geral@esferadasideias.pt  
www.esferadasideias.pt • @issuu.com/esferadasideias01

Direção de projetos: Madalena Barbosa e Ricardo Pereira (rpereira@esferadasideias.pt)

Textos: Diana Vicente, Madalena Barbosa, Marta Carreiro e Pedro Bastos Reis

Fotografias: José Gageiro, Mário Pereira, Pedro Gomes Almeida, Ricardo Almeida e Rui Santos Jorge

Design/Web: Herberto Santos e Ricardo Pedro

Patrocinadores desta edição:



CooperVision



Publicação isenta de registo na ERC, ao abrigo do Decreto Regulamentar n.º 8/99, de 6 de junho, artigo 12.º, 1.ª alínea

Depósito Legal n.º 338827/12



# CENTRO DE TERAPIA GÉNICA EM FUNCIONAMENTO NO CHULC




Em novembro de 2022 foi inaugurado o Centro Nacional de Terapia Génica em Oftalmologia (CNTGO) no Centro Hospitalar Universitário de Lisboa Central (CHULC). Conforme destaca o **Prof. Eduardo Silva**, diretor do Centro de Responsabilidade Integrada de Oftalmologia Pediátrica no CHULC, o CNTGO destina-se exclusivamente ao tratamento de "retinopatias associadas a alterações do gene RPE65", tornando-se, assim, ao lado do Centro Hospitalar e Universitário de Coimbra, na "segunda instituição do país" onde a terapêutica genética é realizada.

Segundo o especialista, "o gene em causa é transportado através de um vírus adenoassociado, que causa uma infeção". "Para tratar a patologia realiza-se uma cirurgia vitreoretiniana para injetar o fármaco voretigene neparovec por baixo da retina, que se aproxima

do vírus e das células que vão ser infetadas, de maneira a que estas possam recuperar a atividade normal."

Desta forma, é possível "melhorar as condições do campo visual do doente, nomeadamente em condições de baixa luminosidade". "Verifica-se alguma recuperação de visão e abrandar-se o processo degenerativo, que em última instância pode levar à cegueira completa", explica Eduardo Silva. "Tal permite dar condições de independência e melhorar a qualidade de vida dos doentes", sublinha, notando que, "sendo uma patologia bastante rara, existirão cerca de 20 a 30 doente no país" que poderão beneficiar desta terapêutica. A aplicação da mesma, acrescenta o especialista, implica "a coordenação de uma equipa que inclui a Farmácia, o bloco operatório e os serviços de Oftalmologia e de Anestesia, no sentido de otimizar o procedimento e ter as condições ideais".

Existir um segundo centro a realizar esta terapêutica significa que, "se houver uma falha num deles, os doentes terão sempre capacidade de resposta dentro do país", explica Eduardo Silva. Desta forma, "podem evitar-se deslocações ao exterior, que são particularmente onerosas não só para os doentes, como para o Estado".

Além disso, apesar de o CNTGO se destinar ao tratamento apenas de uma patologia, Eduardo Silva garante que este "tem capacidade para aplicar abordagens similares à que está a ser utilizada para o gene RPE65, de modo que, assim que existirem novidades que estejam comercialmente disponíveis para outras patologias, será possível avançar também para diferentes terapêuticas". "Neste momento, existem vários ensaios clínicos a decorrer, muitos deles já em fase III e em avaliação de eficácia para outras retinopatias que poderão, a breve trecho, ser potencialmente tratáveis."  **Diana Vicente**

## SPO REFORMULA WEBSITE E INCLUI SECÇÃO DIRIGIDA AO PÚBLICO


O design do website da Sociedade Portuguesa de Oftalmologia (SPO) foi reformulado durante o passado mês de março para albergar uma página inicial trifásica. "Na sua homepage foram incorporadas três secções dentro do mesmo endereço: uma dirigida aos profissionais, outra direcionada ao público não médico e um terceiro endereço dedicado à SPO Jovem", explica a **Prof.ª Inês Leal**, responsável pela comunicação da SPO.

Com estas mudanças, continua a oftalmologista no Centro Hospitalar Universitário Lisboa Norte/Hospital de Santa Maria, passou a haver uma "área com conteúdos a pensar na população, algo que nunca tinha existido". "Já é possível encontrar um ABC da Visão, no qual, ordenado alfabeticamente, se explicam e desmistificam, de forma simples, alguns conceitos e noções oftalmológicas, designadamente a parte anatómica do sistema visual", afirma. E acrescenta: "Também incluímos conselhos sobre doenças e informações sobre os exames complementares de diagnóstico." Neste âmbito, há um segundo separador focado nos mitos mais comuns nesta especialidade, "em que os mesmos são desconstruídos de forma cientificamente válida". Também a SPO Jovem passou a ter uma secção própria, que até então estava desagregada do website da SPO.

No vetor dedicado aos profissionais, pode-se aceder à área reservada e fazer todas as atividades relacionadas com a gestão do perfil do sócio, "como a atualização das quotas e o acesso a documentos privados, nomeadamente às atas das assembleias gerais". Segundo Inês Leal,



existe ainda a funcionalidade de sincronizar o calendário Google da SPO às agendas pessoais em tempo real, "possibilitando a visualização de todos os eventos da sociedade e de outras entidades, que vão sendo continuamente atualizados".

Outra ferramenta que salienta são os "webinars realizados através do endereço digital, que permitem que os sócios tenham acesso a conteúdos científicos relevantes num só clique e *on demand*", que ficam posteriormente disponíveis para consulta na biblioteca digital da SPO. Para a oftalmologista, "estas alterações correspondem ao concretizar das prioridades estratégicas desta direção e pretendem criar um ecossistema digital coerente, relevante e transformador, que se apresente como um elemento agregador para todos os sócios e para a sociedade civil".  **Diana Vicente**

Conheça a "nova cara" do website da SPO



# VENCEDORAS DA BOLSA DE APOIO PARA INVESTIGAÇÃO CLÍNICA DA SPO

Já são conhecidas as duas vencedoras da 1.ª edição do concurso de Bolsas de Apoio para a Investigação Clínica da Sociedade Portuguesa de Oftalmologia (SPO). O primeiro, liderado pela **Prof.ª Andreia Rosa**, intitula-se “*From bedside to bench and back again: the role of essential oils as potential treatment of fungal keratitis*”.

Segundo a oftalmologista no Centro Hospitalar e Universitário de Coimbra (CHUC), o propósito deste projeto “é caracterizar as infeções fúngicas oculares em geral e, em particular, as queratites e saber quais são os agentes envolvidos”. Tal será feito com a recolha de informação do Centro Hospitalar Universitário de São João, no Porto, do CHUC e do Centro Hospitalar de Lisboa Central (CHULC).

Posteriormente, “pretende-se perceber se é possível desenvolver novos antifúngicos através de óleos essenciais obtidos de plantas do Vale do Côa, que já mostraram ter uma atividade antifúngica importante”.

De acordo com Andreia Rosa, a pertinência desta investigação prende-se com o facto de “as infeções fúngicas serem um problema grande e crescente, existindo apenas um antifúngico aprovado para uso ocular, ao qual, num elevado número de casos, os doentes não têm boa resposta”. “Nas queratites fúngicas, muitas vezes é preciso fazer transplantes de urgência antes de chegarem a um ponto em que toda a córnea esteja afetada”, conclui.



Já o segundo trabalho, liderado pela **Dr.ª Rita Anjos**, intitula-se “Utilização de *deep learning* para a deteção precoce de toxicidade retiniana da hidroxicroloquina”. “Pretendemos recorrer à inteligência artificial [IA] para detetar a toxicidade do medicamento, que é cada vez mais utilizado por várias especialidades, nomeadamente em doenças autoimunes, como o lúpus”, resume a oftalmologista no CHULC, referindo ainda que é um fármaco que está a ser investigado para mais patologias autoimunes, infecciosas e neoplásicas.

Nesse sentido, Rita Anjos alerta que “apesar de a utilização de hidroxicroloquina ser considerada muito segura, está associada a uma toxicidade significativa a nível ocular”. “Esta, muitas vezes, é irreversível e, quando detetada, mesmo com a suspensão do medicamento, pode continuar presente.” Por isso, é necessário haver “um método de rastreio eficaz e que facilite a vida dos clínicos”. Ainda assim, refere que “o recurso à IA necessitaria de um médico para verificar os resultados”.

👁️ **Diana Vicente**



A Prof.ª Andreia Rosa explica a pertinência da investigação na área das infeções fúngicas oculares



## CURSO DE RETINA MÉDICA ACREDITADO PELA UEMS

O *Medical Retina Course*, evento formativo organizado em parceria pela Sociedade Portuguesa de Oftalmologia (SPO) e pelo Grupo de Estudos da Retina (GER), tem, desde fevereiro, acreditação da Union Européenne des Médecins Spécialistes (UEMS). Na óptica da **Dr.ª Rita Flores**, presidente da SPO, este é um “marco importante para a Oftalmologia nacional, que vê o seu trabalho formativo reconhecido internacionalmente na área da retina médica”. “É uma prova de credibilidade e legitimidade, que eleva a nossa proposta formativa”, sublinha a também diretora do Serviço de Oftalmologia do Centro Hospitalar Universitário de Lisboa Central, notando que a tão ambicionada acreditação não foi fácil. “Foi necessário submetermos o curso a critérios e padrões bastantes exigentes.”

No mesmo sentido, a **Prof.ª Ângela Carneiro**, presidente do GER, salienta que apesar de o processo ter sido “moroso, esta acreditação constitui um passo em frente”. “Um curso acredito pela UEMS tem maior importância a nível internacional, com enorme valor curricular, particularmente nos países em que o sistema de créditos já é muito utilizado”, destaca. A oftalmologista no Centro Hospitalar Universitário de São João, no Porto, refere ainda que a formação conta já com mais de 150 inscritos, inclusive formandos de outros países. “Um curso acreditado é uma garantia do reconhecimento do trabalho de grande qualidade dos oftalmologistas nacionais”, reforça.

Para que tal se tornasse realidade, Rita Flores e Ângela Carneiro evidenciam o papel determinante da Prof.ª Inês Leal, oftalmologista no Centro Hospitalar Universitário Lisboa Norte/Hospital de Santa Maria e editora da página da SPO, que “ajudou em todo o processo, tornando a acreditação possível”. Adicionalmente, toda a comissão científica e o ex-presidente da SPO, Prof. Rufino Silva, tiveram também um papel fundamental.

Dividido em 26 módulos, que correspondem a cerca de 60 horas de formação, o *Medical Retina Course* iniciou-se em março de 2022, estando disponível *online* para todos os sócios da SPO e do GER. De ora em diante, à medida que forem terminando os módulos, os formandos vão recebendo os respetivos créditos da UEMS. De acordo com Ângela Carneiro, “cada hora de formação corresponde aproximadamente a um crédito, sendo acreditados por módulos de formação”.

Além da componente teórica, que aborda temas como as técnicas de imagem, a investigação, as doenças vasculares da retina, doenças degenerativas e algumas patologias vitreoretinianas, os formandos poderão ainda passar por uma formação mais prática. Nesse âmbito, foram criados protocolos com os principais centros especializados na área da retina médica no país. “Trata-se de um complemento formativo prático com estágios observacionais, nos quais é ensinado o que de melhor se faz em Portugal, o que é inspirador para os jovens especialistas colherem ideias a implementar nos seus Serviços”, conclui Rita Flores.

👁️ **Pedro Bastos Reis**





# “O NOSSO MAIOR OBJETIVO É QUE CADA SÓCIO SE SINTA REPRESENTADO NA SPO”



Em exercício desde o passado mês de janeiro, os membros da atual direção da Sociedade Portuguesa de Oftalmologia (SPO) explicam os principais objetivos e projetos do biênio 2023-2024. Além da continuidade de alguns projetos iniciados pela direção anterior, destacam-se iniciativas inovadoras, como a criação de um registo nacional de doenças oftalmológicas e de uma unidade de apoio à gestão e estratégia, como sublinha a **Dr.ª Rita Flores, presidente da SPO e diretora do Serviço de Oftalmologia do Centro Hospitalar Universitário de Lisboa Central.**

 **Marta Carreiro**

## Que prioridades marcaram o primeiro semestre de mandato?

Começámos por nos inteirar dos projetos da direção anterior a que deveríamos dar continuidade. Paralelamente, criámos um organigrama que identifica as prioridades para implementação do programa que desenhamos. O grande objetivo transversal a todo o nosso trabalho é trazer para a SPO a maior representatividade possível de oftalmologistas, construindo um espaço onde cada um se sinta representado, sem barreiras geracionais, geográficas, institucionais ou outras.

## A formação é uma das linhas mestras do programa de atividades da atual direção da SPO. O que já realizaram nesse âmbito?

Por considerarmos a atividade formativa uma das vertentes mais importantes de uma sociedade científica, planeámos várias iniciativas que promovem a divulgação de conhecimentos e a adaptação às novas formas de comunicação. Nesse sentido, continuamos com a série de *webinars* “Quartas da SPO”. Queremos também estimular o conhecimento através da partilha de vários conteúdos nas nossas redes sociais e no *website*, que podem ser utilizados de forma pedagógica e didática. Além das reuniões presenciais que decorrem ao longo do ano e do nosso congresso, decorrente da parceria que se estabeleceu há já vários anos com o Colégio da Especialidade de Oftalmologia da Ordem dos Médicos, organizámos mais uma edição do Curso de Ciências Básicas em Oftalmologia, que, este ano, foi precedido de uma formação mais prática com simuladores cirúrgicos [ver páginas 20 e 21].

## Relativamente às reuniões presenciais, que balanço apresenta das que já ocorreram este ano?


Foram reuniões que primaram pela excelência dos palestrantes e dos temas debatidos. Aproveito para lembrar que, este ano, teremos

ainda a SPO de Verão (7 e 8 de julho, em Torres Vedras), a Reunião do Grupo Português de Retina e Vítreo (27 e 28 de outubro, em Ponta Delgada) e o 66.º Congresso Português de Oftalmologia (30 de novembro a 2 de dezembro, em Vilamoura), todos momentos fundamentais de atualização de conhecimentos.

## O que pode adiantar sobre os projetos inovadores da sua direção?

Um dos nossos objetivos é criar um registo nacional de doenças oftalmológicas, ferramenta essencial para conhecermos detalhadamente a realidade do nosso país, de modo a adotarmos estratégias mais eficazes para responder às necessidades. Ainda estamos numa fase de operacionalização em conjunto com os responsáveis de cada grupo de trabalho da SPO, mas pretendemos começar este registo com dados da catarata congénita, do glaucoma pediátrico, das endoftalmites e do queratocone. Cumprindo esse objetivo, penso que deixaremos um legado muito importante à SPO e respetivos sócios, para que outras patologias possam integrar o projeto, tornando todo o processo de registo epidemiológico mais robusto, transversal e generalizado. Também ambicionamos criar uma unidade de apoio à gestão e estratégia, bem como implementar alguns programas formativos inovadores, que oportunamente serão divulgados.

## Que mensagem gostaria de deixar aos sócios da SPO?

Antes de tudo, uma mensagem de agradecimento pela confiança que nos depositaram. Reitero o meu compromisso de dedicação, inclusão de todos os sócios e vontade de elevar ainda mais o nível científico da SPO, tornando-a numa referência para todos os oftalmologistas. Há muitas formas de exercer e viver a Oftalmologia, pelo que o nosso maior desiderato é conseguirmos dar à SPO a versatilidade necessária para que cada sócio sinta algum grau de identificação, porque “juntos somos a SPO”. 



Este ano, a reunião *major* da SPO terá como temas principais órbita e oculoplástica (1.º dia), oftalmologia pediátrica e estrabismo (2.º dia) e retina (3.º dia). No entanto, “há outros temas cuja abordagem será transversal aos três dias: sustentabilidade, investigação e gestão estratégica, que envolverão pareceres de todas as áreas da Oftalmologia”, informa Rita Flores.

Quanto a nomes, estão já confirmadas as presenças da Dr.ª Joan Miller, que será a palestrante da Conferência Cunha-Vaz, e da Dr.ª Inês Lains, oftalmologista portuguesa que trabalha com a convidada nos Estados Unidos. “Ambas falarão do trabalho que têm desenvolvido no âmbito da retina médica”, adianta a presidente da SPO. Encontra-se também confirmada a presença da Dr.ª Andreia Molinari, do Equador, que vai apresentar a conferência “*Strabismus after trauma*”. Já no programa dedicado à órbita e à oculoplástica, como convidados internacionais, estão confirmados o Dr. Augusto Velasco e a Dr.ª Patrícia Akaishi, ambos de São Paulo, Brasil.

Entre muitas outras sessões, o organigrama do 66.º Congresso Português de Oftalmologia inclui pelo menos dez cursos, dezenas de comunicações livres e apresentações de pósteres, culminando com a entrega de prémios durante o jantar de encerramento.

## WEBINARS “QUARTAS DA SPO”

Um dos projetos herdados da direção anterior são os *webinars* “Quartas da SPO”, que foram criados no auge da pandemia de Covid-19 para, não sendo possível realizar eventos presenciais, dar continuidade ao compromisso de formação. “Apesar do contexto em que foi desenvolvido, este é um projeto que continua a fazer sentido e a ser necessário, uma vez que a nossa possibilidade para comparecermos em formações presenciais nem sempre é a desejável”, afirma a **Dr.ª Joana Cardigos, secretária-geral da SPO**, justificando, assim, o que levou a nova direção a dar continuidade a estas sessões *online*.

Dado o sucesso obtido junto dos sócios da SPO, também foi decidido “manter o formato dos *webinars*, que têm periodicidade mensal (exceto nos meses de agosto e dezembro) e começam sempre às 21h30”. A oftalmologista no Centro Hospitalar Universitário de Lisboa Central destaca o facto de esta ser “uma iniciativa agregadora, que permite a participação de todos os grupos de trabalho da SPO”.

Até agora, este ano, já se realizaram seis *webinars*: 1 de fevereiro, sobre uveíte herpética, com organização do Grupo Português (GP) de Inflamação Ocular; 1 de março, sobre prevenção e gestão das complicações da facoemulsificação do cristalino, organizado pela SPO Jovem; 5 de abril, sobre padrões de prática clínica de referência em retina, dinamizado pelo GP de Retina e Vítreo; 10 de maio, sobre úlcera neurotrófica, sob a organização do GP de Superfície Ocular, Córnea e Contactologia; 31 de maio, sobre o lado negro da investigação clínica, organizado pelo GP de Investigação; e o mais recente, a 21 de junho, sobre o que há para além da pressão intraocular, sob a égide do GP de Glaucoma (ver mais na página 14).

Até ao final do ano, estão planeados mais quatro *webinars*. O próximo decorrerá já no dia 19 de julho, com organização do GP de Patologia Oncológica e Genética Ocular. Os *webinars* de setembro, outubro e novembro serão organizados, respetivamente, pelos grupos de Cirurgia Implanto-Refrativa, Órbita e Oculoplástica, e Ergoftalmologia e Baixa Visão. Segundo Joana Cardigos, estas sessões *online* “são fundamentais, porque permitem uma constante atualização em diversos temas da Oftalmologia, mesmo que sejam assistidas em diferido”, dado que, após a transmissão em direto, também ficam disponíveis na biblioteca digital da SPO. 👁



## FORMAÇÃO EM CIRURGIA

Sendo a Oftalmologia uma especialidade com forte componente cirúrgica, a atual direção assumiu como uma das prioridades a aposta na formação neste âmbito, através de ações de simulação cirúrgica. “A visão transversal da Oftalmologia da atual direção levou-nos a organizar ações mais específicas para a formação na vertente cirúrgica, que é essencial no dia-a-dia de todos os oftalmologistas”, justifica a **Dr.ª Isabel Prieto, vogal da SPO**. “Atualmente, ensinar cirurgia é muito diferente do que há 30 anos, por exemplo. Os nossos principais objetivos com esta aposta passam por aplanar as curvas de aprendizagem, que são muito íngremes na área da microcirurgia, e diminuir o risco de iatrogenia das primeiras cirurgias realizadas por quem se está a iniciar na técnica”, acrescenta o **Dr. Miguel Raimundo, secretário-geral adjunto da SPO**.

Nesse sentido, o também oftalmologista no Centro Hospitalar e Universitário de Coimbra evidencia o curso com simuladores que ocorreu entre 14 de fevereiro e 3 de março,

organizado em conjunto com o Colégio de Oftalmologia (página 20). “Montámos cinco simuladores de realidade virtual em cirurgia de catarata no Instituto de Oftalmologia Dr. Gama Pinto, em Lisboa, que tão gentilmente nos cedeu as suas instalações, e desenhámos uma formação destinada a internos do primeiro e segundo anos da especialidade, que participaram em cerca de dez horas de simulação contínua, com dois formadores sempre presentes”, descreve Miguel Raimundo.

Por sua vez, Isabel Prieto sublinha “os diversos *drylabs* e *wetlabs* de treino cirúrgico que decorrem no âmbito das reuniões presenciais dos grupos de trabalho da SPO ao longo do ano”. Segundo a diretora do Serviço de Oftalmologia do Hospital Prof. Doutor Fernando Fonseca, “as tecnologias de simulação cirúrgica são armas importantes de ensino e atualização, bem como uma mais-valia para todos os oftalmologistas”. “A constante e crescente introdução de novas técnicas cirúrgicas impõe a necessidade de uma modernização que acompanhe as tendências mais recentes da nossa atividade cirúrgica atual”, conclui Isabel Prieto. 👁



Continua ▶



## GESTÃO E TESOURARIA



A integração da valência de gestão e organização interna é uma das linhas mestras do mandato da atual direção. Nesse sentido, o **Dr. Luís Torrão, tesoureiro da SPO**, afirma que, “por vezes, a gestão em Saúde é mal tratada”. “Há oftalmologistas que acham que, sendo médicos, a gestão não lhes diz respeito, mas também há os oftalmologistas que consideram que a não participação ativa nos mecanismos complexos da gestão é uma perda de oportunidade”, clarifica. Por isso, o também oftalmologista no Centro Hospitalar Universitário de São João, no Porto, defende que “é necessário encontrar um equilíbrio que permita conhecer a linguagem da gestão, para tornar possível o ajuste de orientações estratégicas à gestão da carreira e da vida pessoal”.

Assim, um dos objetivos estabelecidos para o biénio 2023-2024 é a criação da Unidade de Apoio à Gestão e Estratégia no seio da SPO. “É fundamental criar um plano estratégico que reflita aquilo que queremos ser daqui a dez anos, por exemplo, ponderando e enquadrando a realidade atual”, contextualiza. Para tal, “existem mecanismos mais ou menos padronizados de reflexão que, considerando a evolução da SPO e as necessidades dos seus sócios, permitem o planeamento estratégico a longo prazo”. Até ao momento, a direção da SPO definiu as pessoas que vão integrar a Unidade de Apoio à Gestão e Estratégia, que poderão auxiliar os colegas oftalmologistas em todas as questões deste âmbito.

Relativamente à situação financeira da SPO, o tesoureiro garante que, “nos últimos anos, melhorou muito, sobretudo porque se procurou a estabilidade”. “Uma relação estável com as empresas que patrocinam as atividades da SPO e com os fornecedores gera o necessário equilíbrio numa sociedade médica, cuja função é essencialmente científica. Por isso, o nosso objetivo é manter essa estabilidade”, assevera Luís Torrão. 👁

## COMUNICAÇÃO E RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Procurando dinamizar os canais de comunicação, a reformulação do *website* da SPO foi a primeira atividade da atual direção. “Quisemos dar um novo rosto à informação que é transmitida, com separadores distintos para profissionais de saúde, população em geral e membros da SPO Jovem”, explica a **Dr.ª Angelina Meireles, vice-presidente da SPO**. No âmbito da comunicação interna, “especificamente para os sócios, a SPO pretende publicar regularmente protocolos de diagnóstico, monitorização e terapêutica, bem como lançar uma monografia no congresso de 2024”, avança a oftalmologista no Centro Hospitalar Universitário de Santo António, no Porto.

Relativamente à comunicação externa, além de conferir maior dinamização às redes sociais, “pretende-se manter as rubricas informativas com mais visibilidade nos meios de comunicação social, seja em formato televisivo, radiofónico ou de imprensa escrita”, como é o caso da rubrica “À Conversa com o seu Médico Oftalmologista” no programa “A Nossa Tarde”, da RTP. “A direção que nos antecedeu teve uma atividade muito proativa, conseguindo transmitir a importância da Oftalmologia para os cidadãos, ao mesmo tempo que promoveu o conhecimento da população sobre os principais sintomas das doenças oftalmológicas. Queremos continuar nesse caminho”, justifica Angelina Meireles.

Procurando alargar as relações de colaboração com outras especialidades, outra prioridade da atual direção é envolver nas atividades da SPO as áreas da Medicina que mais se cruzam com a Oftalmologia, como é o caso da Medicina Geral e Familiar, da Endocrinologia e da Neurologia. Segundo Angelina Meireles, “o reforço das colaborações com outras sociedades e associações científicas, nacionais e internacionais, estará sempre presente nos projetos dinamizados pela SPO”. “Essas relações são fundamentais numa sociedade científica que se pretende viva, dialogante e saudável”, assevera.


Além das duas reuniões internacionais já realizadas este ano em Portugal, que contaram com a participação de muitos oftalmologistas portugueses, é de destacar a intervenção que a SPO teve no Congresso da European Society of Ophthalmology 2023 (15 a 17 de junho, em Praga), no qual organizou um simpósio educacional sobre miopia patológica, tendo sido ainda anunciado que Portugal receberá o Congresso de 2025, e no 10<sup>th</sup> World Glaucoma Congress (28 de junho a 1 de julho, em Roma), em que o Grupo Português de Glaucoma organizou um simpósio intitulado “*What is coming and what I wish was coming in glaucoma*”. Além disso, no 17.º Congresso da International Ocular Inflammation Society (6 a 9 de setembro, em Berlim), o Grupo Português de Inflamação Ocular da SPO vai organizar a sessão “*Cold Uveitis Cases*”. “Pretendemos manter e reforçar a aposta no estreitamento de laços com todas as entidades que façam sentido e acrescentem valor à SPO”, conclui Angelina Meireles. 👁



Devido ao facto de os mandatos diretivos da SPO serem de apenas dois anos, um valor quase sempre transversal aos novos órgãos sociais é a visão de continuidade. “Em muitos casos, só iniciar um projeto leva um a dois anos. Portanto, é extremamente importante garantir a sua continuidade”, afirma a **Prof.ª Lilianne Duarte, vogal da SPO**, exemplificando com o processo de indexação da revista *Oftalmologia*, que se iniciou no biénio 2021-2022. “Esse processo requer, no mínimo, três anos, pelo que, mesmo tendo-se iniciado no mandato anterior, há ainda um caminho a percorrer pela nova direção”, explica.

Outro projeto que transitou da direção anterior é o processo para que a SPO seja reconhecida como uma entidade de utilidade pública. “Há vários passos administrativos que têm de ser cumpridos e, apesar de o processo estar já numa fase muito avançada, ainda não terminou”, nota a também oftalmologista no Centro Hospitalar de Entre o Douro e Vouga. Segundo Lilianne Duarte, o facto de a SPO ser, neste momento, uma sociedade de grande dimensão, com mais de 1000 sócios, levanta a “necessidade de profissionalizar a própria sociedade, melhorando a sua estrutura organizativa”.

Também continuam no atual mandato as campanhas e iniciativas de *disease awareness* e informação para a sociedade civil, como a rubrica “À Conversa com o seu Médico Oftalmologista”, transmitida na RTP1, bem como a divulgação do conhecimento científico mais atual aos sócios, através de *webinars* e da disponibilização de vários conteúdos científicos na biblioteca digital da SPO.

A atual direção pretende ainda dinamizar o recém-criado Grupo Português de Investigação, que tem como objetivo “dar suporte à atividade de investigação no seio da Oftalmologia portuguesa”. “Estamos muito bem neste âmbito. Aliás, temos oftalmologistas reconhecidos ao nível internacional pelo seu trabalho de investigação. Enquanto sociedade científica, a SPO quer apresentar-se como um facilitador, nomeadamente de projetos nacionais multicêntricos, levando a um impacto internacional da Oftalmologia portuguesa ainda maior”, remata Lilianne Duarte. 



## BALANÇO DE UM MANDATO GRATIFICANTE



Membros da direção da SPO no biénio 2021-2022: Prof. Pedro Menéres, Prof. Rufino Silva, Dr.ª Ana Magriço, Dr. Fernando Trancoso Vaz, Prof.ª Lilianne Duarte, Prof. Manuel Falcão e Dr.ª Ana Víde Escada.


De acordo com o Prof. Rufino Silva, presidente da Sociedade Portuguesa de Oftalmologia (SPO) no biénio de 2021-2022, a direção que presidiu teve como principal objetivo “tornar a SPO uma sociedade mais inclusiva, inovadora, comunicativa e capaz de criar e reforçar estruturas que permitissem responder às necessidades dos sócios, de potenciar as suas capacidades e de se tornar notada e notável ao nível internacional”. “A pandemia permitiu inovar e criar potencialidades onde pareciam existir obstáculos. Assim, durante o nosso mandato, tentámos que a SPO crescesse, dirigida não só para os sócios, como para a sociedade civil”, afirma o também oftalmologista no Centro Hospitalar e Universitário de Coimbra.

Numa primeira fase, um objetivo “muito importante e que foi alcançado”, na óptica de Rufino Silva, foi a aprovação dos estatutos da SPO, que contavam com mais de 80 anos. “Este foi um feito que me emocionou, porque era uma luta que já vinha desde há muito

tempo e que conseguimos que fosse superada, com a aprovação dos atuais estatutos por unanimidade”, recorda.

Num cariz mais científico, Rufino Silva destaca a realização das reuniões científicas da SPO em modo presencial durante a pandemia, a criação da Secção de Investigação Clínica da SPO, também com estatutos a si adequados, e todo o trabalho realizado no sentido de indexar a revista *Oftalmologia* ao nível internacional. “É um projeto que leva vários anos, mas que espero que o objetivo seja alcançado neste biénio que nos sucede.” Por outro lado, evidencia também o começo das Quartas da SPO, “reuniões em formato *webinar* que ainda hoje se mantêm”, e a criação da biblioteca digital, “onde toda a produção científica da SPO (e não só) está à distância de um clique”.

A comunicação com a sociedade civil foi uma vertente também muito valorizada pela direção que cessou funções em janeiro passado. “Nós queremos que o médico oftalmologista seja a primeira personalidade que surge na mente dos portugueses quando estes pensam em saúde ocular, porque acreditamos que é o único profissional capacitado para dar resposta”, contextualiza o ex-presidente da SPO. Foi nesse sentido que foi criada a rubrica “À conversa com o seu médico oftalmologista”, transmitida, durante dois anos, na rádio, e no ano de 2022 também na televisão. Na esfera da comunicação interna, Rufino Silva enaltece a dinamização das redes sociais da SPO, bem como a “introdução da gestão profissional da SPO”.

Olhando em retrospectiva, o ex-presidente da SPO garante que os dois anos à frente da SPO foram “extremamente gratificantes”. “Estamos agradecidos aos sócios da SPO e a todos e cada um dos membros dos corpos gerentes, que tanto se empenharam para que estes dois anos de mandato pudessem contribuir para fazer crescer a SPO e melhorar a Oftalmologia nacional e a saúde ocular dos portugueses”, conclui. 

Mensagem em vídeo do Prof. Rufino Silva, que deixa um agradecimento especial





# Proteja a sua forma de ver o mundo com MiYOSMART Chameleon.

Lentes oftálmicas eficazes e não invasivas para a gestão da miopia, com proteção contra a luz solar intensa. <sup>1-4</sup>

## Tecnologia D.I.M.S.

para retardar a progressão da miopia <sup>1</sup>

## Tecnologia fotocromática

Adapta-se à intensidade da luz solar e regressa à sua transparência em segundos <sup>5</sup>

Para mais informação sobre as lentes oftálmicas MiYOSMART, visite [Miyosmart.pt](https://Miyosmart.pt)

**Myopia care for kids.**



**HOYA**  
FOR THE VISIONARIES

1. Lam CSY, Tang WC, Tse DY, et al. Defocus Incorporated Multiple Segments (DIMS) spectacle lenses slow myopia progression: a 2-year randomised clinical trial. Br J Ophthalmol. 2020;104(3):363-368.

2. Lakkis C, Weidemann K. Evaluation of the performance of photochromic spectacle lenses in children and adolescents aged 10 to 15 years. Clin Exp Optom. 2006;89(4):246-252.

3. Renzi-Hammond LM, Hammond BR Jr. The effects of photochromic lenses on visual performance. Clin Exp Optom. 2016;99(6):568-574.

4. Wu PC, Kuo HK. Effect of photochromic spectacles on visual symptoms and contrast sensitivity of myopic schoolchildren treated with low dose concentration atropine. Invest Ophthalmol Vis Sci. 2016;57:2484.

5. HOYA data on file. Lens performance validation test for MiYOSMART photochromic lenses – activation and deactivation. 02/2023. Tests were conducted at room temperature (23 °C).



# “É IMPORTANTE DAR VOZ AOS JOVENS NAS TOMADAS DE DECISÃO”

Fundada em 2012, a SPO Jovem integra todos os internos e recém-especialistas da Sociedade Portuguesa de Oftalmologia (SPO). Em entrevista ao *Visão SPO*, o **Dr. Diogo Hipólito Fernandes**, coordenador deste grupo para o biênio 2023-2024, elenca os principais objetivos do mandato, refletindo ainda sobre questões como a formação oftalmológica em Portugal ou o papel dos jovens dentro da SPO.

 Pedro Bastos Reis

## Quais são as prioridades para este mandato enquanto coordenador da SPO Jovem?

Antes de mais, gostaria de realçar que as ideias não partem só de mim, mas de todos os 14 membros que compõem a SPO Jovem [ver caixa]. No geral, alicerçamos os nossos objetivos em quatro pontos fundamentais: a dinamização da componente educacional (teórica e prática), o incentivo à investigação científica, a divulgação das organizações não-governamentais que trabalham na área da visão e a criação de eventos que permitam que os jovens oftalmologistas estejam juntos.

## Como avalia a atual formação em Oftalmologia? Existem aspetos a melhorar?

Não há dúvida de que a formação oftalmológica em Portugal é de excelência. No entanto, acho que, mesmo no internato, é necessária alguma modernização do currículo, tornando-o mais semelhante, independentemente do hospital em que é feito. Por exemplo, existem áreas, como a oculoplástica ou inflamação ocular, que são opcionais, mas que deviam ser obrigatórias. Essa remodelação, que julgo que o Colégio da Especialidade de Oftalmologia da Ordem dos Médicos tem como objetivo, é algo que espero que se venha a concretizar nos próximos anos.

## Ainda no âmbito da formação, que atividades a SPO Jovem tem já preconizadas?

Queremos dar continuidade ao bom trabalho que tem sido feito, nomeadamente através da organização da Reunião Anual de Internos de Oftalmologia, que decorreu entre os dias 3 e 4 de junho, em Montargil [ver páginas 18 e 19], e dinamizar um curso de refração, que está a ser finalizado. Almejamos ainda dar acesso a formação à distância, essencialmente através de vídeos e podcasts.

## Na área da investigação, que projetos pretendem pôr em curso?

Recentemente, dentro da SPO, foi criada a Secção de Investigação Clínica, com a qual queremos e temos vindo a trabalhar em conjunto. Além disso, até final do ano, pretendemos criar um novo prémio para o melhor artigo científico publicado por um jovem oftalmologista. Estamos a conceber o regulamento para esse prémio, que esperamos que esteja em vigor no 66.º Congresso Português de Oftalmologia



[30 de novembro a 2 de dezembro, em Vilamoura]. A médio prazo, queremos também fornecer ferramentas a quem tenha interesse em fazer investigação, nomeadamente na área da bioestatística.


## No programa eleitoral, anunciam a intenção de criar um novo evento, o EyeFest. O que pode desvendar?

Ainda não podemos revelar muito. A ideia é juntar os jovens oftalmologistas durante o início do próximo ano, num evento com uma componente formativa, mas num registo informal.

## Atualmente, quais são os maiores desafios que se colocam a um interno de Oftalmologia?

Desde logo, o facto de ao longo dos últimos anos, devido ao crescimento acentuado da divulgação científica, o internato ter vindo a tornar-se cada vez mais competitivo. Tal causa um maior grau de ansiedade e stresse, em que muitas vezes as pessoas estão mais preocupadas em produzir em maior quantidade do que qualidade. Outros desafios são o aumento do custo de vida, que gera ansiedade em quem começa a trabalhar, sem esquecer que as carreiras médicas estão relativamente paradas. Mesmo nas instituições privadas, temos vindo a verificar uma desvalorização crescente e progressiva do trabalho médico.

## Que papel acha que os internos e jovens especialistas devem assumir dentro da SPO?

É importante dar voz aos jovens nas tomadas de decisão, e acho que tanto a atual direção como a anterior têm esse cuidado. Seremos nós a viver as consequências do que agora for decidido, portanto, faz sentido que sejamos ouvidos sobre alterações estruturais da SPO. Além disso, também queremos “dar mais palco” aos jovens nas diversas reuniões, porque se eles não forem envolvidos, a ligação perde-se com facilidade. Queremos uma SPO coesa, na qual todas as pessoas tenham vontade de participar. E é por isso que vou lutar durante estes dois anos. 

O coordenador da SPO Jovem discorre sobre parcerias com sociedades congéneres, bem como estratégias de comunicação e ação social



## Equipa SPO Jovem 2023-2024

**Dr. Diogo Hipólito Fernandes** (Centro Hospitalar Universitário de Lisboa Central); **Dr.ª Ana Marta** (Centro Hospitalar Universitário de Santo António); **Dr.ª Bruna Cunha** (Centro Hospitalar Universitário de Lisboa Central); **Dr. Emmanuel Neves** (Centro Hospitalar e Universitário de Coimbra); **Dr. Francisco Alves** (Instituto de Oftalmologia Dr. Gama Pinto); **Dr.ª Jeniffer Jesus** (Centro Hospitalar de Entre o Douro e Vouga); **Dr.ª Joana Fernandes** (Centro Hospitalar Vila Nova de Gaia/Espinho); **Dr. João Romano** (Centro Hospitalar de Leiria); **Dr.ª Margarida Brízido** (Hospital Beatriz Ângelo); **Dr.ª Maria João Vieira** (Hospital de Braga); **Dr.ª Patrícia José** (Centro Hospitalar Universitário Lisboa Norte); **Dr.ª Rita Basto** (Unidade Local de Saúde de Matosinhos); **Dr.ª Rita Laiginhas** (Centro Hospitalar Universitário de São João) e **Dr. Rodrigo Morgado** (Centro Hospitalar Universitário de São João).



# PIONEIRISMO E DIFERENCIAÇÃO NUM HOSPITAL COM ELEVADA PROCURA



Equipa do OFTACRI do Hospital Prof. Doutor Fernando Fonseca, EPE.

Fundado em junho de 1995, o Hospital Prof. Doutor Fernando Fonseca, EPE (HFF), na Amadora, serve uma área de influência com mais de meio milhão de habitantes, de acordo com os últimos Censos. Em consequência, o seu Serviço de Oftalmologia verifica uma elevada procura. Em janeiro de 2022, foi implementado o Centro de Responsabilidade Integrada de Oftalmologia (OFTACRI), que trouxe novos desafios e oportunidades para os profissionais que o integram.

 Marta Carreiro

Reportagem multimédia no Serviço de Oftalmologia  
do Hospital Prof. Doutor Fernando Fonseca



**E**m junho de 1995, o Serviço de Oftalmologia do HFF foi fundado pelo Dr. Florindo Esperancinha com mais três oftalmologistas. “O Dr. Esperancinha convidou a Dr.ª Filomena Silva para a área da retina, a Dr.ª Manuela Carvalho para o glaucoma e eu para a consulta de estrabismo. Realizámos a primeira cirurgia de catarata em agosto desse ano, o que, para nós, foi uma festa”, recorda a Dr.ª Isabel Prieto, atual diretora (na fotografia, 9.ª a contar da direita, à frente).

Com o passar dos anos, o Serviço de Oftalmologia foi crescendo, tanto em termos de equipa como de diferenciação, o que permitiu abrir várias consultas de subespecialidade e incrementar e diversificar a atividade cirúrgica com ocupação plena dos tempos operatórios, cobrindo, atualmente, quase todas as áreas, com exceção da neurooftalmologia e da baixa visão.

O Serviço de Oftalmologia do HFF obteve idoneidade formativa em 1998. “Desde aí, formámos um elevado número de internos com alto nível de qualidade o que nos deixa particularmente orgulhosos, sobretudo porque têm sido profissionais de grande excelência,

muito premiados e bastante ‘cobiçados’ por outros hospitais”, afirma a diretora.

Apesar de ter começado a exercer no HFF na área do estrabismo, Isabel Prieto sempre teve como foco a cirurgia implantorrefrativa, sendo a responsável dessa secção desde 2009. Em 2017, assumiu também a direção do Serviço de Oftalmologia.

“A nossa área de referência é das mais extensas do país e tem características muito particulares, com uma população flutuante, multicultural, por ser oriunda de vários países, e socioeconomicamente diversificada. Isso faz com que tenhamos de lidar com uma grande diversidade de patologias, tanto médicas como cirúrgicas, que são um desafio diário na nossa urgência. As particularidades também se refletem na cirurgia programada e nas nossas consultas *major*, como as de retina médica e cirúrgica, córnea e implantorrefrativa, inflamação ocular e estrabismo, glaucoma e pediátrica”, sublinha a diretora.

Considerando a elevada procura, Isabel Prieto lamenta a crescente carência de recursos humanos e infraestruturas para responder às necessidades, sendo este o maior desafio da gestão do dia-a-dia. Ainda assim, “um dos pontos fortes deste Serviço é o capital humano, com a sua capacidade de resiliência e trabalho em equipa”. “Estamos sempre empenhados em tratar os doentes ao melhor nível possível, tendo como bases a personalização dos cuidados e a empatia entre profissionais e doentes”, justifica.

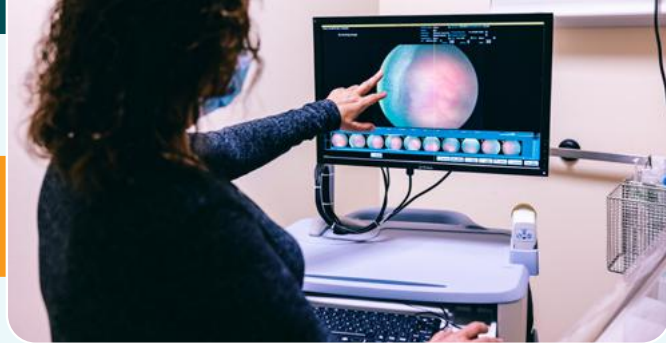
## PIONEIROS NO TRATAMENTO INTRAVÍTREO DA ROP

A procura pela evolução constante tem permitido ao Serviço de Oftalmologia do HFF ser pioneiro na utilização de equipamentos e tratamentos. “Fomos os primeiros, ao nível mundial, a publicar um artigo sobre o uso de injeções intravítreas em bebés com retinopatia da prematuridade [ROP]”, destaca a diretora.

A Dr.ª Susana Teixeira (11.ª a contar da direita, à frente, na fotografia), atual responsável pela Consulta de Rastreio e Tratamento da ROP, foi uma das pioneiras na utilização desta terapêutica. A exercer no Serviço de Oftalmologia do HFF desde o final de 1996, a oftalmologista recorda que o rastreio sistemático e o tratamento da ROP apenas foram iniciados em 1998. “A incidência desta doença tem vindo a aumentar, o que se relaciona com a evolução tecnológica, que possibilita trazer ao mundo bebés cada vez mais prematuros, impondo-nos a necessidade de realizar o rastreio sistemático.”



A equipa de reportagem do Visão SPO assistiu ao transplante de córnea num doente com edema bolhoso pós-extração de lente intraocular fáquica.



Os oftalmologistas prestam cuidados aos prematuros com ROP na Unidade de Cuidados Intensivos do HFF, numa divisão equipada com RetCam e condições para tratamento cirúrgico, não havendo assim necessidade de deslocar estes bebés para o bloco operatório.

Segundo Susana Teixeira, em Portugal, “o rastreio da ROP realiza-se em todos os bebés que nascem antes das 32 semanas e com menos de 1500 gramas de peso”, existindo ainda critérios adjuvantes, que são aplicados caso a caso. “Hoje em dia, há bebés a nascer às 22 ou 23 semanas, com maior risco de desenvolver formas graves de ROP, que, não sendo tratadas, levam à cegueira. Cerca de 30% destas retinopatias agressivas não respondem ao tratamento com laser.”

Foi por esse motivo que, em 2006, com o surgimento das injeções de anti-VEGF para tratamento de adultos com retinopatia diabética, a equipa do Serviço de Oftalmologia do HFF começou a aplicá-las em crianças com ROP, abrindo caminho para esta alternativa terapêutica tão necessária. “Só nos últimos três anos, tratámos 75 bebés oriundos de várias unidades de cuidados intensivos neonatais e pediátricos de Lisboa, sul de Portugal e ilhas. Também realizámos dezenas de angiografias fluoresceínas com RetCam”, informa Susana Teixeira.

Olga Barroqueiro (6.ª a contar da esquerda, à frente, na fotografia) é ortoptista no Serviço de Oftalmologia do HFF há 28 anos, tendo assumido, em 2019, a coordenação desta área. “O avanço tecnológico permitiu-nos assumir um terreno de ação muito superior na atualidade, libertando os oftalmologistas para outras atividades de diagnóstico e tratamento. Além disso, nós, ortoptistas, temos voz ativa sobre questões que nos tornam mais proativos”, afirma a responsável.

Os ortoptistas realizam diversos exames, como angiografia fluoresceínica, perimetria computadorizada, biometria, avaliação ortóptica para as consultas de estrabismo, tomografias de coerência óptica, retinografias e exames da consulta de córnea. “O rastreio que fazemos antes de o doente entrar na consulta com o oftalmologista e os exames pedidos no dia permitem reduzir o número de consultas subsequentes, porque tentamos realizar o maior número possível de exames na primeira visita”, explica Olga Barroqueiro.

## OPORTUNIDADES E DESAFIOS DO CRI

Em janeiro de 2022, o Serviço de Oftalmologia do HFF passou a ser também Centro de Responsabilidade Integrada (CRI) de Oftalmologia, sob a gestão da Dr.ª Isabel Prieto, da Dr.ª Catarina Paulino e do Enf.º Emanuel Francisco. “Somos uma equipa que trabalha de forma cooperativa e isso é visível para os restantes membros do CRI de Oftalmologia”, sublinha Catarina Paulino, administradora hospitalar e diretora do Serviço de Planeamento e Controlo de Gestão do HFF (10.ª a contar da direita, à frente, na fotografia).

Segundo Isabel Prieto, o CRI de Oftalmologia “é uma experiência que implica novos modelos de gestão e organização que pretendem incentivar as pessoas a cumprir metas e objetivos”. “Penso que estes modelos ajudam a motivar os profissionais e a criar novos estímulos para que continuem no Serviço Nacional de Saúde”, acrescenta.

Após um ano e meio de existência do CRI de Oftalmologia, Catarina Paulino acredita que o balanço “é de sucesso”. “Cumprimos os objetivos, com um índice de desempenho global que ultrapassou os 98%. Assim, no final do passado mês de março, conseguimos distribuir os incentivos de 2022, o que também impulsiona a motivação da equipa, que vê o seu esforço recompensado”, refere.

Na perspetiva de Catarina Paulino, o CRI de Oftalmologia veio acrescentar valor, empenho e motivação à equipa, permitindo uma melhoria no acesso dos utentes à prestação de cuidados oftalmológicos. “Por exemplo, no início do projeto do CRI de Oftalmologia, apenas 3% das consultas realizadas ocorriam no tempo estipulado. Atualmente, quase 80% das consultas realizam-se dentro do tempo esperado, graças ao esforço dos profissionais”, refere.

Por sua vez, Emanuel Francisco, enfermeiro responsável do Bloco Operatório (8.º a contar da direita, à frente, na fotografia), realça as mais-valias que o CRI de Oftalmologia trouxe também para os profissionais de Enfermagem. “Podemos alocar mais horas de alguns enfermeiros a uma mesma atividade, o que criou união e aumentou o sentido de pertença. Estando mais dedicadas a uma área, as pessoas preocupam-se mais em ter uma intervenção direta no seu funcionamento, o que se reflete na melhoria da prestação de cuidados”, justifica.

Neste segundo ano de CRI de Oftalmologia, o também responsável de serviço no Bloco Operatório de Oftalmologia nota que uma parte dos recursos financeiros permitirá investir na formação dos enfermeiros. “Estamos muito empenhados nessa vertente, pois mais formação traz novas ideias e benefícios para os doentes decorrentes da melhoria dos cuidados.” Emanuel Francisco entrou no HFF em setembro de 2007 e começou a envolver-se mais na área da Oftalmologia em 2008, no âmbito do antigo Serviço de Cirurgia Ambulatória.

Sendo unânime a constatação de que o CRI de Oftalmologia promoveu o estreitamento de relações entre os diferentes profissionais, de ora em diante, o objetivo passa por melhorar a comunicação com outras especialidades intra e extra-hospitalares, nomeadamente com a Medicina Geral e Familiar. Em jeito de conclusão, Isabel Prieto mostra-se “grata a todas as pessoas que trabalham no Serviço de Oftalmologia do HFF”. “São elas que têm conseguido que os nossos projetos cheguem a bom porto”, remata a diretora. 👁



Na consulta de triagem assegurada pelos ortoptistas, realizam-se vários exames para despiste das mais diversas patologias oftalmológicas.

## Atividade em 2022

**33 150** consultas médicas (+27,8% do que em 2021)  
**11 280** primeiras consultas (+56,9% versus 2021), das quais **7 845** sem atrasos  
**5 420** cirurgias (+37% versus 2021), das quais **2 773** do cristalino e **162** de retina e vítreo  
**2 090** injeções intravítreas  
**1 303** tratamentos com laser  
**17 800** exames complementares

## Equipa do CRI de Oftalmologia

**13** oftalmologistas a tempo completo  
**5** oftalmologistas a tempo parcial  
**4** internos de Oftalmologia  
**13** enfermeiros  
**7** ortoptistas  
**10** administrativos  
**7** auxiliares de ação médica  
**1** administrador hospitalar



## CONTINUIDADE DAS “QUARTAS DA SPO”

Iniciada em 2021, durante a pandemia de Covid-19, a série de *webinars* “Quartas da SPO” tem como objetivo proporcionar a atualização de conhecimentos nas mais diversas áreas da Oftalmologia. Segundo a Dr.ª Joana Cardigos, secretária-geral da SPO, a atual direção decidiu manter esta iniciativa pelo seu “caráter agregador, permitindo a representatividade de todos os grupos de trabalho da SPO”. Além dos seis *webinars* já realizados este ano, decorrerão mais quatro até final de 2023, sempre à quarta-feira e às 21h30.

Marta Carreiro



Intervenientes no *webinar* de 1 de fevereiro, que foi moderado pela Dr.ª Vanda Nogueira, coordenadora do GP de Inflamação Ocular.

**A**s **uveítes herpéticas** estiveram em análise no primeiro *webinar* deste ano, ocorrido a **1 de fevereiro**. Dinamizada pelo Grupo Português (GP) de Inflamação Ocular, a sessão dividiu-se em três partes. Na primeira, dedicada às uveítes anteriores herpéticas, a Prof.ª Inês Leal falou da vertente clínica, seguindo-se a intervenção da Dr.ª Vânia Lages sobre os casos que necessitam de investigação laboratorial para o tratamento. Na segunda parte, que se centrou nas manifestações de uveítes herpéticas no segmento posterior, a Dr.ª Cristina Fonseca e a Dr.ª Rita Proença refletiram, respetivamente, sobre a necrose retiniana aguda e a vasculite por citomegalovírus. Para a apresentação final, foi convidado o Dr. Tiago Marques, infeciologista, que discorreu sobre profilaxia e vacinação.

**A** **1 de março**, decorreu o *webinar* organizado pela SPO Jovem, no qual foram abordados alguns **desafios da cirurgia de catarata**, nomeadamente a prevenção e a gestão de complicações. A sessão começou com a apresentação gravada do Dr. Nic Reus, dos Países Baixos, sobre complicações da cápsula anterior. Sucederam-lhe as intervenções da Dr.ª Catarina Pedrosa, sobre rutura da cápsula anterior, e do Dr. João Coelho, sobre zonulopatia. Por sua vez, o Dr. Pedro Coelho falou acerca de casos de pupilas pequenas e a Dr.ª Diana Silveira e Silva sobre casos especiais de altos míopes, hipermetropes e catarata polar posterior.



O Dr. Diogo Hipólito Fernandes (coordenador da SPO Jovem) moderou o *webinar* de 1 de março. Ausente na imagem: Dr. Nic Reus.



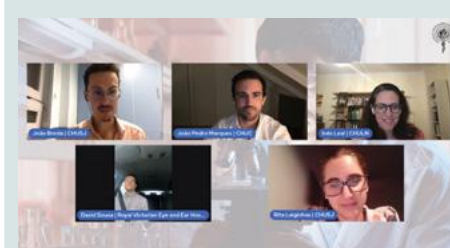
O *webinar* de 5 de abril foi moderado pelo Prof. Carlos Marques Neves, coordenador do GP de Retina e Vítreo.

**O** GP de Retina e Vítreo organizou o *webinar* de **5 de abril**, que incidiu na importância dos **padrões de prática clínica de referência em retina**. O Dr. Miguel Lume focou a avaliação inicial e o seguimento da degenerescência macular da idade; o Dr. Nuno Ferreira discorreu sobre membranas epirretinianas e síndrome de tração vitreomacular; a Dr.ª Rita Anjos falou de oclusões venosas e o Dr. Rui Carvalho sobre descolamento posterior do vítreo.

**J**á o *webinar* do dia **10 de maio** ficou à responsabilidade do GP de Superfície Ocular, Córnea e Contactologia. Com enfoque na **úlceras neurotróficas**, foram discutidas as estratégias diagnósticas (Dr. Paulo Martins Campos); o protocolo da terapêutica médica, nomeadamente na era pós-cacicol (Dr.ª Ana Quintas); e o protocolo da terapêutica cirúrgica (Dr. João Pinheiro Costa).

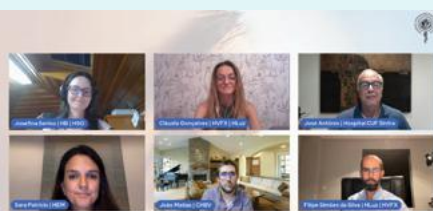


O Dr. Nuno Alves (coordenador do GP de Superfície Ocular, Córnea e Contactologia), a Prof.ª Andreia Rosa e o Dr. João Feijão moderaram o *webinar* de 10 de maio.



O *webinar* organizado pelo GP de Investigação foi moderado pelo seu coordenador, Prof. João Barbosa Breda.

**N**o dia **31 de maio**, foi a vez de o GP de Investigação organizar um *webinar* sobre os **desafios da investigação clínica**. Foram abordados temas como o financiamento, o tempo, a diferenciação, a burocracia, as infraestruturas e os passos para a realização de um trabalho de investigação.



A Dr.ª Cláudia Gonçalves e o Dr. João Matias moderaram o *webinar* de 21 de junho.

**A** fechar o primeiro semestre, no dia **21 de junho**, ocorreu o *webinar* “A sick eye in a sick body – o que há para além da PIO”, dinamizado pelo GP de Glaucoma. Após uma apresentação sobre o estado da arte nos últimos 17 anos, pelo Dr. José António Dias, discutiram-se os fatores de risco vascular (Dr. Filipe Simões da Silva), a síndrome de Flammer (Dr.ª Sara Patrício) e o papel da nutrição, da suplementação, do exercício físico e da acupuntura (Dr.ª Josefina Serino).

Aceda à biblioteca digital da SPO para ver ou rever os *webinars* já decorridos



## PRÓXIMOS WEBINARS

**19 DE JULHO**

**Organização:** GP de Patologia Oncológica e Genética Ocular

**Coordenador:**  
Dr. Guilherme Castela

**20 DE SETEMBRO**

**Organização:** GP de Cirurgia Implanto-Refrativa

**Coordenador:**  
Dr. João Feijão

**25 DE OUTUBRO**

**Organização:** GP de Órbita e Oculoplástica

**Coordenadora:**  
Dr.ª Nádia Lopes

**15 DE NOVEMBRO**

**Organização:** GP de Ergoftalmologia e Baixa Visão

**Coordenadora:**  
Dr.ª Ana Almeida

# DUETOS EM OFTALMOLOGIA

É este o mote da principal reunião de grupos de subespecialidade da Sociedade Portuguesa de Oftalmologia (SPO): a SPO de Verão. Marcado para os dias 7 e 8 de julho, em Torres Vedras, o evento aborda temáticas como a oftalmologia de intervenção, a retina médica e a baixa visão, a inflamação ocular e a neurooftalmologia, a oculoplástica e a oncologia ocular, a catarata e o estrabismo e a diplopia. Já as conferências são dedicadas à degenerescência macular da idade (DMI) e aos tumores perioculares.

 **Marta Carreiro**

“Dar voz aos grupos que, normalmente, não têm tanta expressão na restante agenda de atividades” é o principal objetivo da SPO Verão, conforme explica a **Dr.ª Isabel Prieto**, vogal da direção da SPO. Este ano, o local escolhido para a reunião é o Dolce Campo Real, em Torres Vedras, “um local simpático para o qual os sócios podem também trazer as respetivas famílias”. “Tivemos a preocupação de escolher um sítio que permitisse conjugar a formação científica com tempo de lazer num local de qualidade”, justifica a também diretora do Serviço de Oftalmologia do Hospital Prof. Doutor Fernando Fonseca, na Amadora.


Segundo Isabel Prieto, o tema geral da reunião será “Duetos em Oftalmologia”, traduzindo-se no programa em “sessões conjuntas entre várias subespecialidades, com o intuito de analisar a relação que existe entre elas”. Neste âmbito, estão definidos os duetos entre inflamação ocular e neurooftalmologia, oculoplástica e oncologia ocular, retina e baixa visão, catarata e estrabismo. Na sua óptica, estes diferentes duetos “permitem que a reunião seja dirigida a um leque alargadíssimo de pessoas, tocando patologias em cada uma das áreas que, normalmente, não são muito faladas, mas que acabam por ser transversais a múltiplas situações do dia a dia da prática clínica”.

No arranque do primeiro dia de evento, 7 de julho, está prevista uma sessão dinamizada pela SPO Jovem, em que será partilhada a “perspetiva dos jovens especialistas e internos de Oftalmologia em relação à oftalmologia de intervenção e às urgências oftalmológicas com que se

debatem diariamente”. Depois da sessão de abertura, segue-se uma mesa-redonda centrada na retina médica e na baixa visão, na qual serão abordados temas como as distrofias hereditárias, as doenças degenerativas adquiridas da retina e a reabilitação visual. O dia termina com uma atividade no âmbito da baixa visão.

No segundo dia de reunião, 8 de julho, o programa científico começa com uma sessão de inflamação ocular e neurooftalmologia, na qual serão discutidas patologias como a sífilis, a tuberculose ocular, a Covid-19, a Mpx e o herpes zoster. Em seguida, realiza-se uma conferência sobre a terapêutica anti-VEGF na DMI, a cargo do Prof. Manuel Falcão, com chancela da European Society of Ophtalmology. Neste dia, no âmbito do dueto entre a oculoplástica e a oncologia, Isabel Prieto destaca ainda a conferência da Prof.ª Claire Daniel, do Moorfields Eye Hospital, no Reino Unido, “que partilhará a sua experiência na abordagem e seguimento dos doentes com tumores perioculares”.

A tarde do segundo dia prossegue com a discussão de casos clínicos de oculoplástica e oncologia ocular e com uma mesa-redonda sobre catarata e estrabismo, com especial foco no recurso a lentes *premium* em doentes com estrabismo ou ambliopia. Por fim, está prevista uma sessão sobre diplopia.

De acordo com Isabel Prieto, a SPO de Verão apresenta um programa “cientificamente cativante, contando ainda com uma ‘festa’ após o jantar do primeiro dia e um *sunset* no final do segundo dia, com a distribuição dos prémios da revista *Oftalmologia*”. “Será certamente uma forma agradável de iniciar o verão, com a SPO, e convido todos a participar”, remata. 




## UPDATE EM RETINA MÉDICA E CIRÚRGICA

A próxima reunião do Grupo Português de Retina e Vítreo (GPRV) da Sociedade Portuguesa de Oftalmologia está agendada para os dias 27 e 28 de outubro, no Teatro Micaelense, em Ponta Delgada, “centrando a discussão científica na ultraperiferia, desígnio deste evento e da direção da Sociedade

Portuguesa de Oftalmologia”. De acordo com o **Prof. Carlos Marques Neves**, coordenador do GPRV, o programa irá refletir “um equilíbrio entre os assuntos de retina médica e de retina cirúrgica, assim como a interligação desta última com outras subespecialidades da Oftalmologia”. Nesse sentido, destaca as mesas-redondas que estão a ser organizadas em torno da inflamação ocular e do glaucoma.

Para Carlos Marques Neves, alguns dos *highlights* do programa são as quatro palestras internacionais sobre achados retinianos

em doentes com cancro, estafiloma posterior, descolamento de retina regmatogénico e novas evidências nas patologias da interface vitreoretiniana. Outros destaques são as discussões sobre *day clinic*, hemorragias coroideias e os habituais casos clínicos apresentados por internos.

À semelhança de outros anos, esta reunião contará com um espaço de colaboração com o Grupo de Estudos da Retina, com as sessões “Parece mas não é” e “Quatro perguntas, quatro respostas”. “Nesta edição, vamos ter ainda um curso sobre retina cirúrgica ultraperiférica e uma sessão de desafios na cirurgia de fronteira, isto é, cirurgias de catarata complicadas, em que existe invasão do vítreo”, conclui o oftalmologista no Centro Hospitalar Universitário de Lisboa Norte/Hospital de Santa Maria, responsável pela Clínica Universitária de Oftalmologia da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa.  **Marta Carreiro**



### SAVE THE DATE





# POR UM SISTEMA DE SAÚDE INTEGRADO



Oftalmologistas e outros protagonistas na área da Saúde reuniram-se nos dias 18 e 19 de maio passados, em Viana do Castelo, para debater a otimização dos cuidados médicos em Oftalmologia. Neste evento, organizado pelo Serviço de Oftalmologia da Unidade Local de Saúde do Alto Minho (ULSAM), foram ainda apresentados os resultados do trabalho desenvolvido até agora pelos três grupos de trabalho criados na primeira edição do Oftalgest.

Marta Carreiro

Após o Dr. Sérgio Azevedo, coordenador do evento, dar as boas-vindas e fazer uma introdução à temática da reunião, seguiu-se a sessão de abertura do II Oftalgest. Na qualidade de presidente da Sociedade Portuguesa de Oftalmologia (SPO), a Dr.ª Rita Flores realça o facto de este evento ser “uma oportunidade para estabelecer linhas de contacto e criar grupos de trabalho, com o intuito de encontrar soluções rumo a um sistema de saúde que se pretende que seja integrado, tendo em vista uma qualidade de excelência para os doentes”.

Nesse sentido, sublinha Rita Flores, a própria SPO já criou a Unidade de Apoio à Gestão e Estratégia, que “irá dotar os oftalmologistas de ferramentas que permitam manter um diálogo positivo e eficaz com outros interlocutores, tão necessários na resolução desta equação que é o sistema de saúde integrado”.

No mesmo sentido, a Dr.ª Fátima Fonseca, membro da direção executiva do Serviço Nacional de Saúde (SNS), reforça a “importância de trabalhar de forma cada vez mais integrada”. Remetendo para um estudo da Organização Mundial de Saúde, a preleitora defende que “quanto mais integrada for a ação dos cuidados de saúde primários [CSP] e hospitalares, melhor funcionará o tratamento e prevenção da cegueira e de outras deficiências visuais”. Nesse sentido, apresenta o rastreio de saúde visual infantil, que é feito nestes moldes, como exemplo: “É esta a potenciação que as ULS nos trazem, e que foi muito bem trabalhada e exposta nesta reunião.”

A sessão de abertura terminou com as palavras do Dr. Ricardo Mestre, que considera a Oftalmologia, a gestão e a integração como os “três pilares fundamentais da reestruturação do SNS”. Revelando que “cerca de 20% do total de consultas solicitadas aos médicos de família são de Oftalmologia, especialidade anualmente responsável

A sessão de abertura do II Oftalgest contou com as intervenções do Dr. Ricardo Mestre (secretário de Estado da Saúde, no púlpito), do Dr. Sérgio Azevedo (coordenador do Oftalgest), da Dr.ª Rita Flores (presidente da SPO), do Dr. Augusto Magalhães (presidente do Colégio de Oftalmologia da Ordem dos Médicos), do Dr. Xavier Barreto (presidente da Associação Portuguesa de Administradores Hospitalares), do Dr. Franklím Ramos (presidente do Conselho de Administração da ULSAM), do Dr. Vítor Herdeiro (presidente da Administração Central do Sistema de Saúde), da Dr.ª Fátima Fonseca (membro da direção executiva do SNS) e do Arqt.º Luís Nobre (presidente da Câmara Municipal de Viana do Castelo).

por 25% dos doentes submetidos a cirurgia no SNS”, o secretário de Estado da Saúde nota a necessidade de “juntar o conhecimento à capacidade de evoluir, de investigar e de inovar”. “A Oftalmologia está associada a uma gestão eficiente dos recursos, numa perspetiva integrada de rentabilização, partilha de responsabilidades entre grupos profissionais e de recursos entre as autoridades regionais e nacionais”, realça Ricardo Mestre.

## OFTALMOLOGIA PERIFÉRICA E OUTROS DESTAQUES

O programa avançou para uma mesa-redonda dedicada à discussão das principais dificuldades sentidas pelas instituições periféricas.

O Dr. Jorge Seguro Sanches foi um dos interlocutores nesta sessão, na qual evidenciou os benefícios do trabalho preventivo. “É melhor para os doentes, mas também para a organização dos serviços e para o próprio financiamento. Se fizermos um bom trabalho preventivo, as pessoas não têm de sofrer tantas intervenções cirúrgicas ou tratamento hospitalar. É este o caminho para a reorganização do SNS, no sentido de melhorar também a articulação entre os CSP e os cuidados hospitalares”, afirma o presidente da Subcomissão de Saúde Global da Assembleia da República.

As dificuldades e oportunidades da oftalmologia central, as diferentes perspetivas sobre a evolução do SNS, a complementaridade entre os setores público e privado e o papel da indústria foram outros dos assuntos que marcaram o primeiro dia do Oftalgest. Já na manhã do segundo dia, foram apresentados os resultados dos três grupos de trabalho criados na primeira edição desta reunião.

Nesse âmbito, coube a Sérgio Azevedo falar da plataforma de cuidados primários de Saúde Visual, inicialmente aplicada no Centro de Saúde de Valença. “Apesar de ser controversa a realização de consultas de Oftalmologia em contexto de CSP, devido às dificuldades, aos riscos e aos condicionalismos que temos de contornar, em Valença conseguimos observar 90% do universo dos nossos doentes nessa plataforma, sendo que cerca de 96% das situações foram resolvidas em contexto de CSP”, destaca o também diretor do Serviço de Oftalmologia da ULSAM.

Sérgio Azevedo revela ainda que, recentemente, foi iniciado no Centro de Saúde de Valença o “rastreamento de patologias como o glaucoma e a degenerescência macular relacionada com a idade “Queremos avaliar a eficiência e sustentabilidade deste projeto, para definir a sua aplicabilidade noutras locais”, justifica.

Após a mesa-redonda “Oftalmologia para além dos oftalmologistas” e a cimeira magna, ocorreu a sessão de encerramento, na qual interveio Dr. Manuel Pizarro, ministro da Saúde (à direita, na fotografia acima).



Highlights do II Oftalgest

# CIRURGIA REFRACTIVA E DE CATARATA EM DESTAQUE

Entrevistas em vídeo e mais fotografias do evento



Elementos do Serviço de Oftalmologia do CHUdSA nas XXXIV Jornadas Internacionais de Oftalmologia.

Nos dias 26 e 27 de maio, ocorreram, no Porto, as XXXIV Jornadas Internacionais de Oftalmologia, organizadas pelo Serviço de Oftalmologia do Centro Hospitalar Universitário de Santo António (CHUdSA). O evento teve como objetivo fazer uma atualização de conhecimentos nas áreas das cirurgias refrativa e de catarata, abordando desde o estudo pré-operatório a questões de maior complexidade, como a escolha das lentes *premium* e a gestão concomitante com tratamento anti-VEGF.

Marta Carreiro

Entre os destaques do evento, o **Prof. Pedro Menéres** (ao centro, na primeira fila, na fotografia) salienta a elevada afluência e a relevância dos temas abordados, que procuraram ir ao encontro dos “mais recentes avanços em Oftalmologia”. “As sessões incidiram sobre temas como a biometria, os cálculos das lentes tóricas, as opções nas lentes multifocais, as lentes EDOF (*extended depth of focus*) e os tratamentos *laser* disponíveis”, exemplifica o diretor do Serviço de Oftalmologia do CHUdSA e presidente destas jornadas, destacando ainda a realização do curso EUPO, dedicado ao tema do estrabismo.

O programa científico arrancou com uma sessão sobre lentes fáquicas, na qual se abordou a sua história e evolução, os diferentes tipos de lente e o seu explante, numa palestra feita pelo Prof. António Marinho, criador desta secção e ex-diretor do Serviço de Oftalmologia do CHUdSA. Nesta sessão, a **Dr.ª Maria do Céu Pinto** (2.ª a contar da direita, na segunda fila, na fotografia) falou das lentes de câmara anterior, salientando a “seleção adequada do doente” como “um dos aspetos fundamentais na eficácia e segurança deste tipo de implante”.

Por outro lado, a oftalmologista no CHUdSA destaca a importância de “alertar o doente no pré-operatório para as eventuais complicações deste procedimento, assim como dos cuidados a ter – evitar coçar os olhos, por exemplo – e para a necessidade de um seguimento regular, para detetar e tratar atempadamente essas possíveis complicações”. “É importante esclarecer ao doente que este procedimento não é definitivo, porque o processo normal de envelhecimento vai ocorrer, com todas as consequências que daí advêm”, alerta a especialista.

Na mesma sessão, a **Dr.ª Sílvia Monteiro** (3.ª a contar da direita, na quinta fila, na fotografia) mostrou a experiência do CHUdSA no explante de lentes fáquicas. “Já fizemos o estudo do explante em 260 olhos,

o que representa a maior casuística já publicada”, refere a especialista, que com a sua apresentação procurou “mudar a forma como é vista a cirurgia de explante”. “Esta é uma cirurgia que ainda é vista como fim de linha. No entanto, uma vez que temos cada vez mais doentes a necessitar deste procedimento, deveríamos começar a considerá-la como mais uma vertente da cirurgia refrativa, aumentando o investimento no sentido de alterar o paradigma”, sublinha.

Sílvia Monteiro interveio também numa outra mesa, que ocorreu na manhã do segundo dia, desta feita dedicada às lentes *premium*, na qual falou sobre as lentes trifocais na presbiopia. Nesta sessão, a **Dr.ª Carolina Abreu** (1.ª a contar da esquerda, na quarta fila, na fotografia) abordou as lentes EDOF que, de acordo com a oftalmologista no CHUdSA, “têm vindo a ganhar importância na cirurgia de correção da presbiopia”. “Apesar de não se obter independência total dos óculos com estas lentes, consegue-se uma boa qualidade de visão ao longe, visão intermédia e, em alguns casos, uma qualidade razoável de visão ao perto”, justifica.

Carolina Abreu participou ainda na sessão dedicada à correção *laser* de erros refrativos, que decorreu na tarde do primeiro dia de reunião. Nesta, discorreu sobre o papel da análise multimodal no *screening*, realçando as mais-valias desta abordagem, “que, complementando a clássica, baseada apenas na topografia e tomografia, permite uma maior capacidade de deteção dos casos de ectasia subclínica, o principal fator de risco para o desenvolvimento de ectasia pós-cirurgia queratorrefrativa”.

## PARTICIPAÇÃO INTERNACIONAL

Estas jornadas ficaram também marcadas pela presença de convidados internacionais, nomeadamente nas conferências sobre definição e cálculo de lentes intraoculares em *outliers*, proferida pela Prof.ª Marie-José Tassignon (Bélgica), no primeiro dia de reunião, e de atualização em cirurgia de catarata e edema macular diabético (EMD), proferida pela Prof.ª Patrícia Udaondo (Espanha), no segundo dia. Enquanto moderadora da segunda conferência, a **Prof.ª Bernardete Pessoa** (1.ª a contar da direita, na segunda fila, na fotografia) recorda que “20% das cirurgias de catarata acontecem em doentes com diabetes, sendo esta uma condição que predispõe não só o desenvolvimento de catarata, mas também de EMD”.

Sobre a conferência, Bernardete Pessoa realça a relevância dos biomarcadores de tomografia de coerência óptica de domínio espectral (SD-OCT, na sigla em inglês), “que podem guiar a forma de tratamento e a expectativa de *outcomes* destes doentes no pós-cirurgia”. “A Prof.ª Patrícia Ugaondo é uma especialista em retina de renome. Foi excelente poder ouvir um pouco da sua experiência nesta temática”, conclui a oftalmologista no CHUdSA.

Ainda neste segundo dia de reunião, Pedro Menéres destaca a mesa-redonda sobre catarata e anti-VEGF.

“Foi abordada a gestão do doente em casos de patologias concomitantes à catarata, como a degenerescência macular da idade, a alta miopia e o EMD, situações que exigem tratamento anti-VEGF e que, por isso, acarretam alguns desafios acrescidos”, salienta o presidente das XXXIV Jornadas Internacionais de Oftalmologia.

## MARQUE NA AGENDA





# FORMAÇÃO TEÓRICO-PRÁTICA NA RAIIO



Alguns dos participantes na RAIIO de 2023: 1.ª fila – Dr. Francisco Alves, Dr. Diogo Hipólito Fernandes, Dr.ª Ana Marta e Dr. João Romano. 2.ª fila – Dr.ª Diana Silva, Dr.ª Marta Correia, Dr.ª Patrícia José e Dr. Pedro Cardoso. 3.ª fila – Dr.ª Carolina Almeida, Dr.ª Bruna Cunha, Dr. Tomás Reis Costa e Dr. Pedro Simões. 4.ª fila – Dr.ª Maria Elisa Luís, Dr.ª Joana Pereira, Dr. Pedro Figueira e Dr.ª Joana Silva.

No passado mês de junho, em Montargil, decorreu a Reunião Anual de Internos de Oftalmologia (RAIO), organizada com a chancela da Sociedade Portuguesa de Oftalmologia (SPO). As sessões *outside the box*, sobre saúde mental e literacia financeira, e os *dry labs*, nos quais os internos praticaram várias técnicas cirúrgicas, foram alguns dos pontos altos do evento, que contou com cerca de 80 participantes.

 Diana Vicente

dos *dry labs*. “Deste modo, o doente tem um resultado mais favorável, pois não é gerado tanto astigmatismo”, acrescenta a também oftalmologista no Hospital Prof. Doutor Fernando da Fonseca, na Amadora.

No módulo da pupiloplastia, os formandos treinaram a sutura da íris, em particular as técnicas de McCannel e Siepser. “A primeira é mais simples, mas mais traumática para íris, ainda que, com algumas modificações, torna-se um pouco menos lesiva, sem tanto estiramento da íris”, realça Diana Silva, notando que a técnica de Seipser, “um pouco mais complexa”, também foi ensinada. “Ambas as abordagens são úteis para defeitos traumáticos e congénitos da íris, mas também para a cirurgia de sutura de lentes intraoculares”, concretiza a formadora.

## LITERACIA FINANCEIRA

Outra das novidades desta edição foi a sessão *outside the box*, que se debruçou sobre temas

que fogem um pouco ao âmbito da Oftalmologia. Em primeiro lugar, refletiu-se sobre o *burnout* em Oftalmologia, um tema que tem vindo a ganhar importância. “O trabalho médico é muito intenso, sobretudo no internato e nos primeiros anos de trabalho na especialidade. Por vezes a saúde mental fica um bocadinho esquecida e, por isso, achámos boa ideia trazer este tema”, justifica Diogo Hipólito Fernandes.

Depois, foi analisada a temática da literacia financeira pessoal. Nas palavras do Dr. Pedro Figueira, cofundador do projeto Doctors on Fire, este é um tema “verdadeiramente importante, pois, no percurso escolar e académico, não se aprende a gerir as finanças e, quando se chega à vida adulta e se começa a ganhar os próprios rendimentos, muitas vezes, não se sabe o que fazer”. Tendo este contexto em mente, o preletor e especialista em Medicina Geral e Familiar (MGF) no Centro de Saúde da Quinta Grande, em Câmara de Lobos, realça que “o futuro depende de cada um”, argumentando que é preciso “gerir eficazmente os rendimentos para conseguir alcançar liberdade financeira”.

Conforme refere o Dr. Diogo Hipólito Fernandes, coordenador da SPO Jovem, a RAIIO tem como principal objetivo “complementar o internato da especialidade de Oftalmologia”, daí a aposta num programa teórico-prático. Nesse sentido, o início do primeiro dia foi dedicado ao curso de ecografia e aos *dry labs*, que decorreram em simultâneo.

A inclusão do curso de ecografia – uma das novidades desta edição – deve-se, segundo o também oftalmologista no Centro Hospitalar Universitário de Lisboa Central, ao facto de “durante o internato, em alguns centros hospitalares, não estar contemplado nenhum momento específico para aprender a realizar este exame”. Já nos *dry labs*, os participantes treinaram várias técnicas cirúrgicas – cirurgia de catarata, pupiloplastia, sutura de córnea e trabeculectomia – em olhos sintéticos, distribuídos entre quatro estações, sempre acompanhados por um formador.

A estação dedicada à cirurgia da catarata, mais especificamente à cirurgia manual de pequena incisão (SICS, na sigla em inglês), teve como intuito treinar técnicas de cirurgia de segmento anterior. “A SICS trata-se de uma técnica extracapsular, mas com algumas modificações. “Inicialmente faz-se uma incisão em túnel escleral, sendo que a capsulorrexia pode ser feita de forma circular contínua, desde que muito ampla, ou pelas técnicas de ‘envelope’ ou em ‘abre-latas’. Em seguida, faz-se a hidrodissociação e a expressão do núcleo através da incisão do túnel escleral”, explica a Dr.ª Diana Silva, uma das formadoras



Comentários em vídeo dos entrevistados e fotografias da RAIIO 2023

Nesse âmbito, uma das soluções apresentadas foi o recurso a rendimentos passivos. Para tal, complementa a Dr.ª Joana Silva, também oradora e cofundadora do Doctors on Fire, é importante “saber onde se gasta o dinheiro que ganhamos, e isso só é possível fazendo um registo de despesas”. “Apenas com esta tomada de consciência conseguimos definir orçamentos e decidir quanto queremos gastar e poupar mensalmente”, salienta a também especialista de MGF no Centro de Saúde de Santo António, no Funchal. “O passo seguinte passa por decidir o que fazer com essa poupança: apenas guardar o dinheiro ou, idealmente, investi-lo de forma a fazer crescer o nosso património.”

### SUBESPECIALIDADES OPCIONAIS

Seguiu-se a sessão *Live Educational Event*, centrado nas várias subespecialidades – inflamação ocular, oncologia, oculoplástica e oftalmologia pediátrica – que, apesar da sua importância, ainda se mantêm opcionais no currículo dos internos.

Na palestra sobre oftalmologia pediátrica, a **Dr.ª Filipa Teixeira** versou sobre “as principais causas baixa visão na criança”, nomeadamente “a disfunção visual cerebral, as distrofias da retina e a hipoplasia do nervo óptico”. “Uma das principais necessidades identificadas neste âmbito é aprender a diagnosticar”, destaca a oftalmologista pediátrica no Centro Hospitalar Universitário Lisboa Norte/Hospital de Santa Maria.

Nesse sentido, perante uma suspeita clínica, deve-se “fazer uma história clínica e familiar completa e perceber se existem outros sinais ou sintomas, como a presença de comportamento visual anómalo, estrabismo ou nistagmo, queixas de fotofobia, dificuldade na visão no escuro, bem como apurar se a criança cai frequentemente ou se aparenta ter alterações do campo visual periférico”. Contudo, estas patologias “estão muito carentes ao nível do tratamento”, adverte Filipa Teixeira. “Mas, através de uma consulta de subvisão, podemos ajudar na orientação e na mobilidade da criança e trabalhar técnicas de estimulação visual, aumentando a sua qualidade de vida”, conclui.

O primeiro dia de reunião terminou com atividades lúdicas, tendo o segundo dia ficado marcado pela apresentação de vídeos cirúrgicos e de casos clínicos, com especial ênfase nas doenças sistémicas. “O olho não é um órgão isolado e existem muitas doenças sistémicas, como as infeções oculares. O objetivo era que os internos trouxessem uma situação na qual o diagnóstico da doença oftalmológica tenha permitido identificar uma patologia sistémica”, concretiza Diogo Hipólito Fernandes, revelando que “foram apresentados 14 trabalhos, um por cada serviço de Oftalmologia”. 👁️



A componente prática da RAIO 2023 dividiu-se entre o curso de ecografia e os *dry labs*. O primeiro foi composto por uma parte teórica (1) e outra prática (2). Nos *dry labs* (3), por sua vez, os internos treinaram em olhos sintéticos a cirurgia manual de pequena incisão, a pupiloplastia, a sutura de córnea (4) e a trabeculectomia. Algumas destas técnicas não são muito comuns no dia-a-dia, pelo que, para alguns formandos, este foi o primeiro contacto que tiveram com as mesmas.

## Testemunhos de participantes

“A RAIO destaca-se pela sua componente muito prática, com os *dry labs*, bem como pelas atividades de grupo, que permitem estimular o espírito de grupo. Os temas são sempre muito atuais, sobretudo na parte prática, o que nos ajuda muito na atividade do dia-a-dia. No futuro, é importante continuar a apostar em sessões teóricas e práticas e em temas que são menos abordados ou com os quais tenhamos menos contacto na prática clínica.” **Dr.ª Marta Correia, interna do terceiro ano da especialidade de Oftalmologia no Centro Hospitalar de Lisboa Ocidental.**

“A RAIO é uma iniciativa ótima para todos os internos, mas sobretudo para quem está no início da formação. Em primeiro lugar, este evento é uma oportunidade para ganharmos bases teóricas e técnicas, com conteúdos pensados especificamente para quem está a começar. Em segundo lugar, é importante para conhecermos os colegas do resto do país e para partilharmos as nossas experiências e dificuldades.” **Dr. Tomás Reis Costa, interno do primeiro ano da especialidade de Oftalmologia no Hospital Prof. Doutor Fernando Fonseca, na Amadora.**



# PRIMEIROS PASSOS DA CIRURGIA DE CATARATA COM SIMULADORES VIRTUAIS



Alguns formadores e formandos do curso: Dr. Pedro Moreira, Dr. Pedro Marques Couto, Dr. Miguel Raimundo (formador), Dr. Filipe Rito (formador), Dr.ª Ana Castro, Dr. Carlos Miranda e Dr.ª Inês Figueiredo.

Entre 14 de fevereiro e 3 de março, decorreu o Curso de Simuladores de Cirurgia da Catarata no Instituto de Oftalmologia Dr. Gama Pinto, em Lisboa. Neste evento dirigido a internos dos dois primeiros anos da especialidade, participaram 35 formandos, divididos em sete sessões, tutelados por 11 formadores. O curso, que contou com o apoio da Johnson & Johnson, resultou de uma ação conjunta entre a Sociedade Portuguesa de Oftalmologia (SPO) e o Colégio da Especialidade de Oftalmologia da Ordem dos Médicos, inserindo-se no Curso de Ciências Básicas em Oftalmologia organizado por ambas as entidades.

Diana Vicente

Segundo o Dr. Miguel Raimundo, secretário-geral adjunto da SPO, “esta formação consistiu na utilização de simuladores de realidade virtual da cirurgia de catarata, na qual os internos têm cerca de oito a dez horas de simulação contínua com dois formadores”. “Este tipo de metodologia de ensino ganha cada vez mais atração na Europa e é uma forma moderna, humana e segura de ensinar a cirurgia numa fase inicial do internato da especialidade”, justifica o também oftalmologista no Centro Hospitalar e Universitário de Coimbra (CHUC), acrescentando que “os simuladores possibilitam a prática, com repetições infinitas, de forma programática”. “O intuito é tentar suavizar a curva inicial da aprendizagem deste procedimento, que em microcirurgias pode ser muito violenta”, conclui o secretário-geral adjunto da SPO, destacando ainda a “ótima adesão” ao curso. “Inscreveram-se 35 formandos, o que corresponde quase à totalidade dos internos dos dois primeiros anos.”

## VÁRIAS ETAPAS DA CIRURGIA

Conforme descreve a **Dr.ª Isabel Prieto**, uma das formadoras, “o curso contou com cinco simuladores, programados com os diversos passos da cirurgia, que vão avançando sucessivamente de forma a criar níveis de dificuldade”. “Os internos começam por fazer uma simulação que se assemelha a um jogo, de modo a perceberem os gestos que são necessários durante o procedimento. O objetivo deste exercício é trabalhar a aquisição de *skills* em termos de bimanualidade, de noção de profundidade e da posição dos instrumentos”, explica a vogal da direção da SPO e diretora do Serviço de Oftalmologia do Hospital Prof. Doutor Fernando Fonseca, na Amadora. E concretiza: “*Step by step*, os formandos vão passando pelas restantes fases, com o curso a culminar com um pequeno exame, que consiste na simulação de várias técnicas cirúrgicas deste procedimento básico.”



Por seu turno, o Dr. Filipe Rito realça que este curso “aborda diversos aspetos, como o controlo dos valores dos fluídos (irrigação, aspiração e vácuos), os ultrassons e os vários passos da cirurgia, nomeadamente a capsulorrexis, a facoemulsificação, a aspiração dos restos corticais e a implantação da lente”. “Os módulos abrangem todas as fases de uma cirurgia e incluem as complicações que podem ocorrer caso a técnica não seja bem realizada, daí a importância de realizar estes passos de uma forma seguida”, sublinha o formador e oftalmologista do CHUC.



Para Filipe Rito, “o rácio de dois formadores para cinco internos é bastante adequado, pois permite acompanhar cada um deles nas várias etapas”. “Acréscimo o facto de os simuladores estarem muito bem conseguidos e próximos da realidade, permitindo a sua utilização num ambiente muito mais controlado e com a possibilidade de se poder explicar as diversas técnicas passo a passo e com calma”, salienta.

Por seu turno, a **Dr.ª Sandra Barrão** considera este curso “uma mais-valia para os internos”, uma vez que estes “podem treinar os primeiros passos da cirurgia” numa fase inicial da sua formação. “Os formandos chegam ao final do curso com capacidade de realizar alguns passos de microcirurgia com segurança, o que se nota quando começam a realizar o procedimento ao vivo”, enaltece a diretora clínica no Instituto de Oftalmologia Dr. Gama Pinto, em Lisboa, e anfitriã desta formação.

**Feedback de formadores e formandos sobre o curso**



## Perspetiva de um formando

Para o Dr. Pedro Marques Couto, o curso de simuladores de cirurgia de catarata foi “uma iniciativa muito positiva”. “Foi uma ótima oportunidade para treinarmos, sem o risco de complicações graves associados à execução do procedimento num doente”, salienta o interno de Oftalmologia no Centro Hospitalar Universitário de São João, no Porto, notando que este foi o seu primeiro contacto com simuladores. Outra das vantagens deste curso elencada pelo formando foi a interação com os formadores. “Este registo informal permite tirar dúvidas e ajuda a perceber melhor o funcionamento do bloco operatório da especialidade, com o qual pouco contacto temos antes de começarmos o internato”, conclui Pedro Marques Couto.



# CURSO DE CIÊNCIAS BÁSICAS EM OFTALMOLOGIA ABRAÇA VERTENTE PRÁTICA

No Curso de Ciências Básicas em Oftalmologia, que decorreu entre os dias 17 a 29 de abril e 12 de maio, foram abordadas áreas formativas cruciais, desde a anatomofisiologia à terapêutica ocular, passando por temáticas como a oftalmologia pediátrica, a retina médica, a neurooftalmologia, a investigação clínica, entre outras. Das novidades deste curso organizado pela Sociedade Portuguesa de Oftalmologia (SPO) e pelo Colégio da Especialidade de Oftalmologia da Ordem dos Médicos (OM), destaque para a introdução de um módulo com simulador de oftalmoscopia indireta e para os *wetlabs* com simuladores cirúrgicos.

 Marta Carreiro

**A**o longo de 13 dias, os internos do primeiro ano da especialidade de Oftalmologia tiveram oportunidade de adquirir conhecimentos sobre anatomia e fisiologia do sistema visual, passando depois para as áreas mais clínicas da formação específica em Oftalmologia. Enquanto presidente da SPO, a Dr.ª Rita Flores recorda a “importância desta iniciativa no panorama da atividade formativa dos internos ao nível nacional, permitindo-lhes explorar temas e conceitos com os quais, durante o curso de Medicina, não tiveram oportunidade de contactar”.

Já o Dr. Augusto Magalhães, presidente do Colégio de Oftalmologia da OM, reforça o peso que este curso tem vindo a adquirir ao longo dos anos. “Inicialmente, era uma formação de dez dias, totalmente teórica. Atualmente, tem uma duração de duas semanas, repletas de muita aprendizagem e com uma presença cada vez maior da componente prática”, concretiza. Neste sentido, destaca ainda os *wetlabs* que ocorreram no começo deste ano, com módulos de treino cirúrgico, do patamar básico até aos procedimentos de catarata e de retina e vítreo (ver página 20).

Augusto Magalhães foi um dos responsáveis pelo módulo de oftalmologia pediátrica, que começou com uma preleção sobre o desenvolvimento da função visual na criança. “Falámos também de pequenas habilidades e truques para aplicar na consulta de oftalmologia pediátrica, da importância das tecnologias e os seus riscos para a função visual, de olho vermelho, de neuropatias ópticas, das distrofias na retina, das cataratas congénitas e da retinopatia da prematuridade”, acrescenta o especialista, que também foi responsável pela organização do módulo de estrabismo.

## DA RETINA MÉDICA À INVESTIGAÇÃO CLÍNICA

O módulo de retina médica ficou marcado por uma novidade: o treino prático de oftalmoscopia indireta por simulador (ver caixa). Relativamente à componente teórica, conforme resume a Prof.ª Ângela Carneiro, uma das responsáveis por este módulo, foram abordadas doenças da retina interna, “como a retinopatia diabética, as oclusões vasculares retinianas, os macroaneurismas retinianos e as telangiectasias maculares idiopáticas”.

Segundo a oftalmologista no Centro Hospitalar Universitário de São João, no Porto, estiveram ainda em foco as doenças da retina




Alguns dos formadores (sentados) do Curso de Ciências Básicas em Oftalmologia, acompanhados pelos formandos: Dr. Jorge Breda, Prof.ª Joana Ferreira, Dr.ª Cláudia Ferreira, Dr.ª Rita Gama, Dr. Augusto Magalhães, Dr.ª Alcina Toscano, Dr.ª Rita Flores, Dr. Ricardo Parreira e Dr. Paulo Costa.

externa, em particular “a degenerescência macular da idade e outras causas de neovascularização ocular, entre as quais a miopia patológica”. “Falámos também das doenças da paquicoroide, um conceito relativamente recente, que engloba doenças como a coriorretinopatia serosa central e da vasculopatia polipoide da coroideia”, sublinha.

Relativamente à neurooftalmologia, a Prof.ª Joana Ferreira começa por realçar que é uma área que “carece de mais profissionais dedicados”, daí a importância de a abordar num módulo do curso. “É necessário, desde cedo, criar este apelo para a importância da neurooftalmologia, uma vez que são casos com os quais todos iremos contactar em situação de urgência ou de consulta”, justifica a oftalmologista no Centro Hospitalar Universitário Lisboa Norte/Hospital de Santa Maria. A semiologia das pupilas, os diferentes tipos de neuropatias e a diplopia foram os temas abordados neste módulo.

Joana Ferreira foi também uma das responsáveis pelo módulo dedicado à investigação clínica e elaboração de artigos científicos, uma vertente “muito útil, uma vez que a componente científica é uma parte cada vez mais importante da formação e da avaliação final do internato”. “Ensinámos a escrever um artigo, a fazer a recolha de referências bibliográficas e enunciá-las nos trabalhos, a escrever um artigo de revisão e a fazer análise estatística”, resume.

No final do curso, foi feito um inquérito aos participantes, com o objetivo de “abrir portas a melhorias e alterações”. “Queremos que este seja um curso vivo, que vá progredindo no sentido de uma melhoria contínua e que se adequa à opinião dos formandos, que dele irão beneficiar”, defende Rita Flores. 

Mais informações em vídeo e fotografias do módulo de oftalmologia pediátrica



## Simulador de oftalmoscopia indireta

Uma das novidades no módulo de retina médica foi a tarde de treino de oftalmoscopia indireta com recurso a simulador. “Dividimos os internos por vários grupos, permitindo um período de contacto direto e experiência pessoal com o simulador, através do qual aprenderam a colocar e ajustar o oftalmoscópio indireto, a fazer uma avaliação das áreas e ter uma boa exposição da retina”, elucida Ângela Carneiro.





Alguns dos intervenientes na reunião: À frente – Prof. Luís Abegão Pinto, Dr.ª Maria da Luz Freitas, Dr.ª Ana Sofia Lopes, Prof. João Barbosa Breda, Dr.ª Teresa Gomes, Dr.ª Rita Flores, Dr.ª Paula Tenório e Dr. Fernando Trancoso Vaz. Atrás – Dr. João Filipe Silva, Dr.ª Maria Lisboa, Dr. António Benevides Melo, Dr. Ricardo Bastos, Dr.ª Teresa Painhas, Dr. António Figueiredo, Dr.ª Cristina Brito e Dr.ª Sara Patrício.

## ENFRENTAR AS COMPLICAÇÕES NO GLAUCOMA

As complicações no diagnóstico, na terapêutica médica, no *laser* e na cirurgia estiveram em análise na Reunião do Grupo Português de Glaucoma (GPG), que decorreu entre 14 e 15 de abril passado, em Albufeira. O evento consistiu em três mesas-redondas, duas sessões de discussão de vídeos cirúrgicos e duas conferências sobre a hipotonia e o glaucoma maligno, que contaram com a participação de dois convidados estrangeiros.

 Pedro Bastos Reis

**D**e acordo com a Dr.ª Teresa Gomes, coordenadora do GPG, a escolha do tema da reunião deveu-se à necessidade de “desmistificar a existência de complicações no glaucoma”. “As complicações são decorrentes da nossa prática clínica. Mesmo que sejamos cuidadosos no diagnóstico e nas indicações terapêuticas, médicas ou cirúrgicas, existe sempre a possibilidade de surgirem complicações, porque o glaucoma é uma doença multifacetada”, justifica a também oftalmologista no Centro Hospitalar Universitário de Lisboa Central. Ao que acrescenta: “O debate permite lidar melhor com a carga psicológica das complicações e proporciona mais armas para as solucionarmos.”

Numa reunião bastante participada, Teresa Gomes destaca a “renovação geracional na área do glaucoma”. “Ao contrário do

que se verificou no passado, atualmente há vários jovens, com excelentes capacidades, que querem abraçar esta subespecialidade. Este facto é, para mim, muito positivo.”

Após a sessão de abertura, decorreu a primeira mesa-redonda do evento, dedicada às complicações no diagnóstico, na qual foi feita a ponte com várias subespecialidades, entre elas a oftalmologia pediátrica. “Nos primeiros anos de vida, as crianças têm os tecidos oculares mais distensíveis. Assim, se houver aumento da pressão dentro do globo ocular, as consequências manifestam-se pelo seu aumento e envolvimento da córnea, que pode ficar com cicatrizes. Após os quatro anos de idade, tornam-se mais evidentes as alterações ao nível do nervo óptico”, explica a Dr.ª Cristina Brito.

### Hipotonia

A conferência de homenagem ao Prof. Luís Metzner Serra encerrou o programa científico do primeiro dia. Centrada na hipotonia, a preleção ficou à responsabilidade do Prof. Javier Artiz Urcola, que começou por realçar que esta condição é “uma das principais complicações na cirurgia do glaucoma”. “A hipotonia pode aparecer em qualquer doente, por via de qualquer abordagem cirúrgica. Tendo isto em consideração, não podemos nunca relaxar”, adverte o responsável pela Unidade de Glaucoma do Hospital Universitário de Araba, no País Basco (Espanha).

Relativamente às consequências associadas à hipotonia, o preletor chamou particularmente a atenção para o descolamento hemorrágico da coroideia, notando que, nestes casos “o apoio dos cirurgiões de retina, para avaliar e planear a atitude terapêutica a tomar, é essencial”. Lembrou ainda que o tratamento, “pode assumir uma vertente médica, nomeadamente com corticosteroides e gotas ciclopégicas”. Na ausência de resposta à terapêutica conservadora, “poderá ser necessário recorrer à cirurgia”. “A melhor estratégia, no entanto, é a prevenção, que passa por identificarmos os casos de maior risco, de forma a tornar a cirurgia mais segura e eficaz”, conclui Artiz Urcola.



## Glaucoma maligno

Notando que o glaucoma “é muito raro na infância”, a também oftalmologista pediátrica no Centro Hospitalar Universitário Lisboa Norte/Hospital de Santa Maria (CHULHN/HSM) alerta que existem algumas patologias que podem predispor para o seu desenvolvimento. “A anomalia de Axenfeld-Rieger, a aniridia, a síndrome de Sturge-Weber e a doença de Marfan são situações que podem levar, com o passar do tempo, a uma subida da pressão intraocular [PIO], à hipertonia ou ao glaucoma”, concretiza.

### TRATAMENTO COM LASER E PÓS-OPERATÓRIO

O segundo dia de reunião arrancou com uma sessão sobre as complicações na terapêutica médica e laser. Nesse âmbito, o Dr. António Benevides Melo discorreu sobre as situações em que o laser não funciona, focando-se na trabeculoplastia laser seletiva (SLT, na sigla em inglês). “Trata-se de um tratamento muito pouco invasivo, com poucas complicações e um perfil de segurança muito bom, cuja taxa de não resposta ronda os 20%”, contextualiza o oftalmologista no Centro Hospitalar Universitário de São João, no Porto.

Quanto aos doentes que mais podem beneficiar desta terapêutica, António Benevides Melo destaca os casos de “glaucoma primário de ângulo aberto, hipertensão ocular primária e alguns doentes com glaucomas secundários, nomeadamente pseudoexfoliativo”. “Quando falha, a SLT não compromete nenhuma alternativa terapêutica, sendo que a principal complicação é um aumento transitório da PIO, que só acontece em 1% dos casos”, afirma.

Seguiu-se uma sessão dedicada às complicações na terapêutica cirúrgica. Nesta, o Prof. Luís Abegão Pinto defendeu que “muitas situações podem ser resolvidas no âmbito da consulta, sem necessidade de nova ida do doente ao bloco operatório”. Segundo o oftalmologista no CHULN/HSM, tal só deve acontecer “quando não há outra alternativa”. “Com os cuidados de assepsia e com o consentimento do doente, podemos, através do *needling*, tentar impedir a falência de bolhas precoces”, exemplifica. “Desta forma, o doente sente que há um empenho da nossa parte e, caso venha a ser necessário, acabará por aceitar melhor uma ida ao bloco operatório no futuro”, assegura.

Nesse sentido, Luís Abegão Pinto aconselha uma “vigilância intensa dos doentes nas primeiras semanas de pós-operatório”. “Os nossos doentes são muito mais recetivos do que se possa julgar, até porque sentem que estamos envolvidos em resolver o problema”, remata.

### COMPLICAÇÕES NA CIRURGIA DE GLAUCOMA

A encerrar o evento, decorreram duas sessões de vídeos cirúrgicos relativos a complicações da cirurgia de glaucoma. Na sessão moderada pela Dr.ª Paula Tenedório, os vídeos apresentavam complicações de cirurgias minimamente invasivas (MIGS, na sigla em inglês) e cirurgias como a esclerectomia profunda não penetrante e a canaloplastia. Segundo a responsável pelo Serviço de Oftalmologia da Unidade Local de Saúde de Matosinhos/Hospital Pedro Hispano “as MIGS, apesar de serem consideradas tecnicamente menos complexas e menos traumáticas para os doentes, também podem ter complicações e apresentarem-se como verdadeiros desafios cirúrgicos, mesmo para o especialista em glaucoma”.

Neste sentido, um dos casos apresentados dizia respeito a uma doente, de 75 anos, com glaucoma primário de ângulo aberto há mais de 30 anos, “submetida a uma trabeculectomia ao olho direito em 2009, tendo ficado a doença estável até à altura em que, pela pandemia de Covid-19, com receio, a doente deixou de ir às consultas”. Foram posteriormente apresentadas as soluções cirúrgicas e complicações verificadas, bem como a sua resolução. Em jeito de resumo, Paula Tenedório afirma que “todos os casos apresentados, demonstraram que a cirurgia de glaucoma tem evoluído de uma forma notável, existindo uma preocupação constante por parte dos oftalmologistas e da indústria na procura de técnicas inovadoras, menos invasivas e com pós-operatórios mais suaves para os nossos doentes”.

Por sua vez, o Dr. Fernando Trancoso Vaz, moderador na sessão de vídeos cirúrgicos “Cirurgia de glaucoma – Os meus piores casos”, começou por elogiar “a coragem de todos os palestrantes e seus

O glaucoma maligno foi o tema escolhido para a conferência de homenagem ao Dr. João Eurico Lisboa, que decorreu no segundo e último dia de reunião, tendo como conferencista convidado o Dr. Leon Au. “O glaucoma maligno é uma condição incomum e pouco compreendida, daí a necessidade de falar sobre a sua fisiopatologia”, introduz o oftalmologista no Manchester Royal Eye Hospital, no Reino Unido.

De acordo com o especialista, o glaucoma maligno “tende a surgir nos doentes hipermetropes com glaucoma de ângulo estreito”, podendo aparecer após cirurgia de glaucoma ou de catarata. No que diz respeito ao tratamento desta condição, Leon Au afirma que “é frequente o tratamento médico não ser suficiente”, daí a necessidade de avançar para a cirurgia. “Nestes casos, precisamos de criar um olho unicameral, garantindo a comunicação entre as câmaras anterior e posterior”, concretiza, alertando para a importância de se ser cuidadoso ao efetuar este procedimento para evitar complicações como a hemorragia vítrea ou o descolamento da retina. No entanto, refere que esta “não é uma técnica difícil de aprender por um cirurgião de segmento anterior, tratando-se de um procedimento cirúrgico seguro”.



Serviços em partilharem os seus casos mais difíceis”. “Como referiu a Dr.ª Teresa Gomes, é necessário falar do que correu menos bem no bloco, não obstante a correta escolha cirúrgica. Tal reflete o nosso dia-a-dia, as contrariedades que nos vão surgindo e a forma como temos de lidar com as mesmas”, afirma o oftalmologista do Hospital Prof. Doutor Fernando Fonseca, na Amadora.

Dando como exemplo um dos casos apresentados, Fernando Trancoso Vaz refere o de uma doente jovem, com doença de Behçet e glaucoma secundário a uveíte, na qual foi colocada uma válvula de Ahmed, tendo o *flap* escleral erodido. “Crê-se que terá sido a doença autoimune a contribuir para a destruição da esclerótica ao longo do tempo, o que fez com que o tubo ficasse exteriorizado, com elevado risco de infeção”, explica. Desta forma, destaca “o debate muito profícuo, com espírito aberto, dos casos apresentados, permitindo uma partilha de experiências e troca de opiniões muito salutar, possibilitando a evolução e crescimento, como médicos, no sentido de melhor tratar os doentes”.



A elevada participação da assistência nas diversas sessões foi uma constante durante os dois dias de reunião.

Conteúdos multimédia referentes à Reunião do Grupo Português de Glaucoma





# NO GLAUCOMA, TEMPO É VISÃO

Foi este o mote da campanha promovida pela Sociedade Portuguesa de Oftalmologia (SPO), que, durante a Semana Mundial do Glaucoma (12 a 18 de março), chamou a atenção para a importância de um diagnóstico precoce daquela que é a principal causa de cegueira irreversível. Para tal, foi privilegiada a comunicação através das plataformas digitais e da presença nos *media* de oftalmologistas especializados em glaucoma.

**Diana Vicente e Marta Carreiro**

**D**e acordo com a Dr.<sup>a</sup> Teresa Gomes, a campanha de sensibilização para o glaucoma foi “adaptada à realidade atual”. “Estamos numa era em que, basicamente, tudo acontece no meio digital. A forma de chegar à população está a mudar, e a SPO pretende acompanhar essa tendência”, explica a coordenadora do Grupo Português de Glaucoma (GPG).

Nesse sentido, e aproveitando a reestruturação do *website* da SPO (ver página 4), foi partilhado um artigo, na secção “Público”, no qual são destacados os principais factos e mitos à volta da doença. “Nesse artigo estão também presentes quatro depoimentos em vídeo de doentes com glaucoma, que estão disponíveis para serem consultados a qualquer momento”, acrescenta a oftalmologista no Centro Hospitalar Universitário de Lisboa Central (CHULC).

Para Teresa Gomes, estes testemunhos são uma mais-valia, uma vez que “não há nada como um doente que tenha a patologia para ser ouvido por outro doente com a mesma condição”. “Apesar de o discurso dos doentes ter sido completamente livre, procurámos que tivesse sempre um cariz positivo. Ainda que seja uma doença

sem cura, existem casos de pessoas que vivem várias décadas e que conseguem ter uma qualidade de vida ótima”, justifica.

Outras estratégias adotadas foram a sensibilização através das redes sociais da SPO e a presença efetiva em meios de comunicação social, nomeadamente as três intervenções de membros da SPO em três canais de televisão (ver caixa).

Já num âmbito mais reservado, destinado a profissionais de saúde não oftalmologistas ligados à área do glaucoma, foi ainda organizado um *webinar*, a 13 de março passado, com o propósito de discutir o diagnóstico, acompanhamento e tratamento do glaucoma pediátrico. “Convidámos colegas de Medicina Geral e Familiar e de Pediatria, em particular os neonatologistas. Contámos com mais de 200 inscritos, entre os quais também enfermeiros”, afirma Teresa Gomes, que descreve a iniciativa como “um sucesso”.

A Dr.<sup>a</sup> Teresa Gomes revela mais pormenores das iniciativas de sensibilização no âmbito da Semana Mundial do Glaucoma



Refletindo sobre a temática do *webinar*, a coordenadora do GPG refere que, “ao contrário do glaucoma do adulto, considerado um problema de Saúde Pública, o glaucoma pediátrico tem uma baixa prevalência na população”. Contudo, recorda que é “uma condição muito impactante para as crianças doentes e suas famílias”, daí a relevância em abordar este tema numa reunião apenas com os profissionais de saúde envolvidos na prestação de cuidados de saúde à população mais jovem. “Esta iniciativa pretendeu melhorar o conhecimento sobre o glaucoma pediátrico e para pensar novas dinâmicas interdisciplinares que permitam melhorar a resposta por parte das especialidades e subespecialidades envolvidas nestes casos.”

Em relação ao glaucoma do adulto, de acordo com Teresa Gomes, as ações de sensibilização são fundamentais para ajudar a população a perceber, nomeadamente, quais os grupos de risco que devem recorrer mais precocemente à consulta de Oftalmologia para fazer uma avaliação da presença, ou não, de glaucoma. “Quando assumimos a nova coordenação do GPG, estabelecemos como um dos nossos objetivos aproximar-nos da sociedade civil e alertar para a doença, tendo em consideração que talvez essa seja a melhor via para ser possível intervir mais precocemente no decurso da doença. O diagnóstico e tratamento precoces levarão a uma diminuição da morbilidade, que se traduzirá numa maior qualidade de vida”, conclui.



Moderado pelo Prof. Eduardo Silva e pela Dr.<sup>a</sup> Teresa Gomes, o *webinar* contou com as apresentações do Dr. Sérgio Estrela, do Dr. Vasco Miranda, do Dr. Pedro Faria e do Dr. Ricardo Parreira.

## Presença nos *media*

Assinalando o arranque da Semana Mundial do Glaucoma, no dia 12 de março, a Dr.<sup>a</sup> Joana Cardigos, secretária-geral da SPO e oftalmologista no CHULC, esteve, em direto, na edição da manhã da SIC Notícias, onde alertou para a importância do diagnóstico precoce e do tratamento do glaucoma.



Por sua vez, no mesmo dia, o Prof. João Barbosa Breda, coordenador da Secção de Investigação Clínica da SPO e oftalmologista no Centro Hospitalar Universitário de São João, no Porto, marcou presença na edição da manhã da CNN Domingo.

Já a Dr.<sup>a</sup> Teresa Gomes participou no programa “Portugal em Direto”, da RTP1, no dia 13 de março. A coordenadora do GPG também foi citada em diversos portais de notícias, tais como *Saúde Online*, *New Men*, *Netfarma*, *Norte Online*, *Atlas da Saúde* e *Medjournal*.



# REGRESSO DO COPHY A PORTUGAL

Nos dias 24 e 25 do passado mês de março, Lisboa acolheu a 14.ª edição do Annual Congress on Controversies in Ophthalmology (COPHy), naquela que foi a segunda vez que esta reunião internacional se realizou em Portugal. As novas estratégias terapêuticas nas doenças da retina estiveram em destaque, num evento marcado também pela discussão de temas polémicos no âmbito da retina cirúrgica, da neurooftalmologia e das uveítes.

 Diana Vicente

**D**e acordo com a Prof.ª Anat Loewenstein, copresidente do COPHy, o congresso “focou-se nos *hot topics* da retina, com destaque para os novos fármacos de duração mais longa e com diferentes mecanismos de ação, nomeadamente a nível da via supracoroideia”. Estas novidades estiveram em evidência logo no primeiro dia de congresso, numa sessão sobre retina médica, na qual estive em análise a gestão terapêutica na degenerescência macular da idade (DMI) neovascular.

Neste âmbito, Anat Loewenstein falou da superioridade associada às terapêuticas com mais do que um alvo no tratamento da DMI em detrimento do tratamento anti-VEGF isolado, evidenciando os benefícios do faricimab e do aflibercept 8 mg. “Nas terapêuticas com mais do que um alvo verifica-se uma duração crescente de efeito associada a um bom perfil de segurança”, concretiza a também presidente da Sociedade Israelita de Oftalmologia. “Um dos principais problemas no tratamento destes doentes é a necessidade de um número elevado de injeções. Ora, com estas novas terapêuticas, poderá ser possível manter um maior intervalo entre tratamentos”, explica Anat Loewenstein.

Nesta sessão discutiu-se também a presença de neovascularização macular na angiografia por tomografia de coerência óptica (OCT) enquanto fator preditivo da subsequente exsudação, tendo a Prof.ª Ângela Carneiro apresentado a perspetiva a favor. “As lesões de neovascularização macular não exsudativas são um importante indicador do desenvolvimento de uma forma exsudativa da patologia, pois acarretam um risco cerca de 15 vezes superior face à ausência dessas lesões”, explica a oftalmologista no Centro Hospitalar e Universitário de São João, no Porto. Por isso, “a monitorização apertada desses doentes permite um tratamento precoce e um melhor prognóstico visual”, argumenta.


No segundo dia de evento, destaque para uma mesa-redonda sobre DMI e doenças retinianas. Um dos temas debatidos, conforme descreve Ângela Carneiro, uma das moderadoras da sessão, foi “o uso de implantes para tentar restaurar a visão em pessoas com doenças degenerativas, para as quais não existe tratamento disponível”. Outro tópico em análise foi a libertação de vetores virais através de injeções supracoroideias com uma proteína anti-VEGF. “A via supracoroideia



**Alguns dos intervenientes no evento:** 1.ª fila – Dr.ª Rita Flores, Dr.ª Angelina Meireles, Prof. José Cunha-Vaz, Prof. Rufino Silva, Prof. Baruch Kuppermann, Prof. Bora Eldem e Prof.ª Anat Loewenstein. 2.ª fila – Dr.ª Patricia Udaondo, Dr.ª Maria Vittoria Cicinell, Prof.ª Bianca Gerendas, Dr. Joaquim Canelas, Doutor António Campos, Prof.ª Ângela Carneiro e Prof. Marco Dutra Medeiros. 3.ª fila – Prof. Jorge Ruiz-Medrano, Prof. José Maria Ruiz-Moreno, Dr. William F. Mieler, Dr. Marco Lupidi, Dr. Paolo Lanzetta, Prof.ª Lilianne Duarte, Dr.ª Belmira Beltrán e Dr.ª Fernanda Vaz.

parece causar menos inflamação intraocular do que a via intravítrea, sendo de fácil acesso e eficaz”, comenta Ângela Carneiro.

Na mesma sessão, o Prof. Rufino Silva, copresidente do comité português da 14.ª edição do COPHy, defendeu o recurso à monitorização domiciliária nos doentes com DMI, justificando que “nas avaliações periódicas, não é possível saber o que sucede no intervalo entre observações”. “Se o doente puder fazer uma OCT em casa, com recurso a inteligência artificial, é possível ver a trajetória e o volume do fluido no dia-a-dia, o que permitirá chamá-lo para tratamento no momento certo”, afirma o oftalmologista no Centro Hospitalar e Universitário de Coimbra, concluindo que a monitorização domiciliária “poderá vir a reduzir o *burden* associado à terapêutica, melhorando sua eficácia”.

Já na reta final do congresso, Rufino Silva moderou uma sessão sobre novas estratégias terapêuticas, destacando o debate em torno do papel dos bioequivalentes enquanto primeiro tratamento nas doenças da retina. “Se reduzirem os custos diretos e indiretos, garantirem a segurança terapêutica e não diminuam o intervalo entre tratamentos, os bioequivalentes serão muito bons para a prática clínica”, remata o especialista. 

Mais imagens do evento e comentários em vídeo dos entrevistados sobre os temas discutidos



## Port Delivery System

Uma das inovações apresentadas neste congresso foi o recurso ao *Port Delivery System* (PDS) no tratamento da DMI, tendo a Dr.ª Rita Flores feito uma preleção sobre este “sistema ambicioso”, que consiste na colocação de um “pequeno reservatório intraocular que faz uma libertação farmacológica prolongada e constante”. “O PDS poderá diminuir as sobrecargas associadas aos tratamentos com injeções intravítreas repetidas, diminuindo as deslocações frequentes dos doentes aos hospitais, com ganhos na sua qualidade de vida”, destaca a presidente da Sociedade Portuguesa de Oftalmologia. Salientando que esta modalidade terapêutica “já demonstrou a sua eficácia”, Rita Flores nota que “o conceito de libertação prolongado ainda pode ser otimizado”, o que permitirá recorrer a fármacos “cada vez mais potentes”. “Manter os doentes bem tratados e controlados, com vindas menos regulares às clínicas oftalmológicas, é o melhor de dois mundos, desde que consigamos manter a eficácia e a segurança pretendidas”, conclui a diretora do Serviço de Oftalmologia do Centro Hospitalar Universitário de Lisboa Central.



Alguns dos oradores e moderadores da reunião (da esq. para a dta.): À frente – Dr. José Pedro Silva, Dr. João Nascimento, Dr. Nuno Campos, Dr.ª Ana Vide Escada, Dr. António Limão, Dr. João Feijão, Prof. António Marinho, Dr.ª Rita Flores, Dr. Miguel Trigo, Dr.ª Teresa Gomes e Dr. Nuno Alves. Atrás – Dr. Joaquim Mira, Dr. Augusto Magalhães, Dr. Fernando Vaz, Prof. Fernando Faria-Correia, Dr. Manuel Castro Neves, Dr. Luís Oliveira, Dr. Luís Torrão e Dr. Vítor Maduro.

## INTERNACIONALIZAÇÃO DA CIRP

A reunião conjunta do Grupo Português de Cirurgia Implanto-Refrativa (CIRP) e do Grupo Português de Superfície Ocular, Córnea e Contactologia (GPSOCC) realizou-se entre os dias 10 e 12 de março, em Vilamoura. Além de ter sido o primeiro congresso sob alçada da nova direção da Sociedade Portuguesa de Oftalmologia (SPO), o evento ficou marcado pela sua projeção internacional, já que decorreu no âmbito da reunião de inverno da European Society of Cataract and Refractive Surgeons (ESCRS).

 Pedro Bastos Reis

**D**e acordo com o Dr. João Feijão, coordenador da CIRP e oftalmologista no Centro Hospitalar Universitário de Lisboa Central (CHULC), a vantagem deste formato de reunião foi “a internacionalização, que deu maior visibilidade ao evento e a Portugal”. Contudo, lamenta o facto de este aglutinar de dois eventos ter resultado numa “redução do tempo para o programa científico da CIRP”.

Ainda assim, o balanço dos organizadores é bastante positivo. “A reunião da CIRP é muito acarinhada pelos oftalmologistas que se dedicam às áreas da córnea, cirurgia implantorrefrativa e catarata, bem como por todos os sócios da SPO. Tivemos de nos adaptar, e acredito que foi uma mais-valia”, realça o Dr. Nuno Alves, coordenador do GPSOCC e oftalmologista no CHULC.

### CIRURGIA DE CATARATA

A manhã do primeiro dia de congresso foi totalmente dedicada à cirurgia de catarata, tendo a primeira preleção sido feita pela **Prof.ª Filomena Ribeiro**, que apresentou as novidades em biometria. “O objetivo da minha apresentação foi projetar as causas de erro, nas quais temos de intervir para conseguirmos melhores resultados”, introduz a diretora do Serviço de Oftalmologia do Hospital da Luz Lisboa.

Entre as novas metodologias disponíveis, Filomena Ribeiro destaca o calculador *online* da ESCRS, “com acesso gratuito para sócios e não sócios”, disponível no *website* desta sociedade. “É um calculador que nos permite colocar numa única vez os dados biométricos do doente e aceder aos resultados de todas as fórmulas mais modernas”, explica. Segundo a especialista, as novas metodologias “devem ser combinadas, sendo que,

na atualidade, a inteligência artificial desempenha um papel cada vez mais importante”.

Por seu turno, o Dr. José Pedro Silva falou das novidades nas lentes intraoculares (LIO) multifocais. Entre os novos tipos de lente, o oftalmologista no Hospital Lusíadas Lisboa evidencia a “tecnologia difrativa das lentes trifocais, as lentes de foco estendido e as lentes monofocais avançadas”.

Tendo em consideração as diversas opções, José Pedro Silva considera que “uma das ideias centrais na cirurgia implantorrefrativa é a personalização da escolha da lente”. E explica: “Um doente com boas condições oculares e que procura a independência de óculos por completo pode optar por uma lente trifocal. Já um doente com alterações oculares e que não se importe de usar óculos para perto pode beneficiar de uma lente de foco estendido ou monofocal avançada.” Assim, o oftalmologista conclui que “conhecer o doente e as suas pretensões é fundamental para o resultado cirúrgico, porque um doente com expectativas reais em relação aos benefícios da LIO vai ficar mais satisfeito.”

Seguiu-se a conferência Pedro Abrantes, após a qual decorreu um vídeo simpósio de cirurgia da catarata. Um dos intervenientes foi o Dr. António Limão, que apresentou um caso de catarata complicada. “Tratava-se de um doente com vários episódios de uveíte ao longo de 12 anos, com seclusão pupilar. Após remoção das sinequias, percebi que havia uma rasgadura na cápsula anterior que se estendia até à periferia, não havendo possibilidade de fazer a capsulorrexia”, resume o oftalmologista no Instituto de Microcirurgia Ocular, em Lisboa. Nesse sentido, chamou a atenção para as adaptações técnicas que “permitiram realizar a facoemulsificação sem rotura da cápsula posterior”.



## CÓRNEA, GLAUCOMA E LENTES FÁQUICAS

Já durante a tarde, decorreu a cerimónia de abertura oficial do evento, seguida de uma mesa-redonda sobre miopia no século XXI, na qual o Dr. João Nascimento procurou responder à questão “o que é que um cirurgião refrativo precisa de saber sobre retina?”. “Em primeiro lugar, é fundamental evitar surpresas relacionadas com problemas da retina que não tenham sido identificadas antes da cirurgia. Como tal, deve-se realizar uma tomografia de coerência óptica [OCT na sigla em inglês] antes de qualquer cirurgia implantorrefrativa, para descartar um diagnóstico que possa comprometer o resultado visual”, aconselha o coordenador médico no Instituto de Retina de Lisboa.

Na presença de algum problema da retina, João Nascimento alerta que “só depois de a estabilizar é que se pode avançar para a cirurgia refrativa, sempre sob um intervalo de tratamento anti-VEGF [sigla em inglês para fator de crescimento endotelial vascular]”. Na sua apresentação, o oftalmologista deixou também dicas para evitar a rasgadura da cápsula durante uma cirurgia de catarata, realçando, como mensagem final, a importância de “uma boa avaliação pré-operatória e da profilaxia das lesões regmatogénicas, que podem levar a complicações pós-operatórias”.

Já a Dr.ª Teresa Gomes, coordenadora do Grupo Português de Glaucoma, incidiu no que os cirurgiões refrativos devem saber sobre glaucoma, referindo o diagnóstico precoce e a correta definição dos doentes candidatos a cirurgia refrativa. “Deve ser criado um registo base para o doente, porque quanto mais informação tivermos antes da cirurgia, mais fácil será o seguimento e o tratamento de eventuais complicações”, afirma a oftalmologista no CHULC, notando que “a cirurgia deve ser cada vez mais seletiva”.

Entre os principais grupos de risco, Teresa Gomes destaca os doentes com miopia. “Os doentes submetidos a cirurgia refrativa são, por norma, muito jovens, e a esperança de vida é cada vez maior. Por isso, é necessário estar-se atento às cirurgias que mascaram a existência do glaucoma ou dificultam o *follow-up* destes doentes”,



Intervenientes no Simpósio Ibero-Brasileiro (da esq. para a dta.): Dr. Jonathan Lake, Dr. João Feijão (moderador), Dr.ª Isabel Prieto, Dr. Francisco Bandeira e Dr. Manuel Domingues. Ausente na fotografia: Dr. Ramón Ruiz Mesa.



O Dr. Ramón Ruiz Mesa (no púlpito) foi o preletor da conferência que homenageia o Dr. Pedro Abrantes (1938-2011), tendo falado sobre LIO ajustáveis à luz. A sessão foi moderada pela Dr.ª Rita Flores, pelo Dr. João Feijão e pelo Dr. Miguel Trigo.

adverte. Para evitar estes casos, os exames de diagnóstico são decisivos: “A gonioscopia é um exame essencial, para termos certezas quanto ao ângulo e para uma comparação no pós-operatório. Deve-se também fazer uma avaliação estrutural e funcional do nervo óptico, bem como recorrer aos campos visuais, aos programas de perimetria estática computadorizada e à OCT.”

Relativamente ao tratamento da miopia, António Limão incidiu nas lentes fáquicas, com especial atenção para as ICL (implantable collamer lens). “Em termos de previsibilidade, biocompatibilidade, eficácia e segurança, os problemas com as ICL estão resolvidos. Só a questão do tamanho da lente, de forma a obter um *vault* ideal, é que não”, contextualiza António Limão. Segundo o preletor, um *vault* excessivo pode levar à “oclusão do ângulo, à hipertensão ocular e à retirada da lente num prazo muito curto”. Consequentemente, defende uma metodologia que consiste na colocação das lentes na vertical, “quando o branco-branco se encontra junto à transição para a lente do comprimento inferior”. E acrescenta: “Quando se trata de implantar uma lente tórica no meridiano vertical, temos de calcular os cilindros invertidos.”

## SIMPÓSIOS ABRANGENTES

O segundo dia de reunião arrancou com o Simpósio Ibero-Brasileiro. A cirurgia de catarata e lente fáquica, as complicações com lentes multifocais, as lentes multifocais subluxadas e a fixação das lentes na íris foram alguns dos temas em análise. “Foi um simpósio com apresentação de novidades e de diferentes perspetivas, com abordagens mais audazes, que geraram debate sobre os pontos mais polémicos”, sintetiza Nuno Alves.

No simpósio seguinte, estiveram em evidência os vários tipos de lente. “Na correção da miopia e do astigmatismo, há várias soluções que são eficazes. Dentro das lentes tóricas, há duas opções fiáveis e seguras: as lentes de câmara posterior e as de fixação à íris”, afirma o Prof. Fernando Faria-Correia, um dos preletores deste simpósio, destacando as vantagens das primeiras. “Há indicações

Continua ▶

## Participação portuguesa em destaque na ESCRS

De acordo com Filomena Ribeiro, o ESCRS Winter Meeting “foi um sucesso, com cerca de 1300 inscritos e 68 países representados”. “Relativamente à participação portuguesa, foram cerca de 90 intervenções, entre apresentações, moderações ou participação em *wetlabs*. Foi uma participação muito abrangente, com um importante papel da CIRP, nomeadamente na sessão de cirurgias ao vivo [1]”, enaltece a presidente-eleita da ESCRS, referindo-se aos seis portugueses que nela intervieram. “A cirurgia que apresentei foi realizada num doente com catarata total e queratocone, que decorreu sem complicações”, recorda João Feijão (no púlpito, na fotografia 2), considerando que esta sessão conjunta foi “uma mais-valia”. No que diz respeito à participação nos *wetlabs*, um dos formadores foi o Dr. Miguel Neves (de pé, na fotografia 3), tendo os formandos aprendido, entre outras, a técnica associada à utilização de anéis intracorneanos (4).





## Globo Ocular

que devem ser respeitadas e, apesar da técnica de implementação ser mais invasiva do que a cirurgia a laser, estas lentes conferem um elevado grau de eficácia e de segurança”, explica o oftalmologista no Hospital de Braga.

## TRATAMENTO DO QUERATOCONE

O terceiro e último dia de reunião foi dedicado à córnea e superfície ocular, com destaque para a abordagem ao queratocone. O diagnóstico desta patologia na sua fase de progressão foi analisado por Fernando Faria-Correia, que refere que “o método mais importante para frenar a progressão desta doença é pedagógico e educacional, pela necessidade de educar os doentes para que não cocem o olho”. No que diz respeito ao recurso a meios complementares de diagnóstico, o oftalmologista considera que “muitas tecnologias estão a ser reaproveitadas”. “Está em curso um desenvolvimento associado à inteligência artificial, com a combinação de várias técnicas para melhorar a eficácia de diagnóstico e a tomada de decisão nos casos de queratocone. Quanto aos aparelhos de



O Dr. Luís Oliveira (moderador), o Prof. Joaquim Murta, o Prof. Fernando Faria-Correia, o Dr. Walter Rodrigues (moderador), a Prof.ª Andreia Rosa, o Dr. Vítor Maduro, o Dr. Pedro Gil e o Dr. Nuno Alves (moderador) foram os intervenientes da sessão “Tratamento do queratocone em progressão”.


diagnóstico, dispomos da tomografia corneana e da biomecânica da córnea, cada vez mais presente na prática clínica diária.”

Por seu turno, a Prof.ª Andreia Rosa discorreu sobre a falência e complicações associadas ao *crosslinking* (CXL). “Procurei mostrar os aspetos que podemos modificar para melhorar os resultados, nomeadamente a progressão apesar do CXL, a infeção, os infiltrados estéreis e o achatamento excessivo ao longo dos anos”, resume a oftalmologista no Centro Hospitalar e Universitário de Coimbra. “O CXL é uma cirurgia muito segura, essencial para impedir que os doentes atinjam estádios tardios, que só se resolvem com transplante de córnea”, defende.

No que diz respeito à prevenção de complicações, a preletora explica que “a não utilização de lentes de contacto terapêuticas no pós-operatório pode ser uma medida eficaz contra os infiltrados estéreis”. “É também importante otimizar as condições da superfície ocular, porque um crescimento epitelial retardado está relacionado com a formação de *haze*”, acrescenta Andreia Rosa.

## REABILITAÇÃO VISUAL

Por fim, na sessão sobre reabilitação visual, o Dr. Luís Oliveira apresentou a sua experiência no recurso ao PRK (*photorefractive keratectomy*) guiado por topografia, “uma das opções de tratamento para o queratocone, que visa regularizar a superfície da córnea”. “Associada ao CXL, melhora o *outcome* dos doentes, tratando-se de um procedimento bastante seguro”, explica o oftalmologista no Centro Hospitalar Universitário de Santo António, no Porto.

Para Luís Oliveira, “a eficácia desta técnica depende da seleção dos casos e do planeamento da cirurgia”, sendo para tal essenciais os meios complementares de diagnóstico. “Da biomecânica da córnea aos mapas epiteliais, o estudo completo da córnea é fundamental para podermos decidir o melhor tratamento a proporcionar ao doente”, justifica. Quanto à curva de aprendizagem do PRK guiado por topografia, assegura que é simples, sendo de realçar que a complicação mais frequente é “a opacidade da córnea em graus variáveis”. “Também pode ocorrer alguma dor no pós-operatório imediato, mas, geralmente, são complicações transitórias e de fácil resolução”, conclui Luís Oliveira. 



Painel da sessão “Reabilitação visual”: Dr. Bernardo Feijóo, Dr. João Feijóo (moderador), Prof.ª Maria João Quadrado (moderadora), Dr. Luís Torrão, Dr. Ivo Silva e Prof. Tiago Monteiro. Ausente na fotografia: Dr. Luís Oliveira.

Aceda a mais fotografias e aos vídeos dos três dias do evento



## Três questões ao Prof. Oliver Findl, presidente da ESCRS

## Que balanço faz da reunião de inverno da ESCRS?

Um dos destaques foi a realização desta reunião conjunta entre a ESCRS e a SPO. Gostamos sempre de envolver os oftalmologistas dos países que nos recebem, e estou muito contente com o resultado final. Quanto ao programa científico da ESCRS, não quero estar a particularizar, mas tivemos vários simpósios, cirurgias ao vivo, cursos e *wetlabs*. O foco da nossa reunião de inverno é a educação, e a esse respeito realizaram-se vários cursos de cirurgia refrativa, da catarata e de córnea.

## Como analisa a participação portuguesa?

Não entendo português [risos], mas sei que o programa da CIRP foi bastante vívido. Além disso, temos colegas portugueses no conselho da ESCRS, nomeadamente a nossa presidente-eleita, a Prof.ª Filomena Ribeiro. Ao longo dos anos, os oftalmologistas portugueses têm participado ativamente na ESCRS, o que nos deixa muito felizes. A Prof.ª Filomena conhece muito bem a ESCRS e acredito que fará um excelente trabalho, dando grande importância à representatividade, à sustentabilidade e à criação de novos formatos interativos.

## O seu mandato enquanto presidente termina em 2024. Que mensagem gostaria de deixar aos oftalmologistas portugueses?

Têm sido anos bastante entusiasmantes, e estamos muito empolgados com o nosso 41.º congresso, que vai decorrer em Viena [8 a 12 de setembro]. Acredito que vai ser um excelente evento e, como é habitual, esperamos uma elevada participação portuguesa. O convite está feito: por favor, venham até Viena!

SAVE THE DATE



ESCRS VIENNA 2023

41<sup>ST</sup> CONGRESS OF THE ESCRS

MESSE WIEN EXHIBITION & CONGRESS CENTRE  
VIENNA, AUSTRIA 8-12 SEPTEMBER 2023

# SPO ESTREITA LAÇOS LATINO-AMERICANOS

**A** Oftalmologia portuguesa continua a trilhar caminho ao nível internacional, tendo participado ativamente no XXXV Congresso Panamericano de Oftalmologia, que decorreu entre os dias 17 e 20 de março, em Buenos Aires, com organização conjunta da Asociación Panamericana de Oftalmología (PAAO) e do Consejo Argentino de Oftalmología. Além das diversas participações individuais de oftalmologistas portugueses – com particular destaque para a Dr.ª Helena Prior Filipe, vice-presidente do comité executivo da PAAO –, o evento ficou marcado por duas sessões com chancela da Sociedade Portuguesa de Oftalmologia (SPO).

A primeira destas sessões, conforme explica a Prof.ª Lilianne Duarte, vogal da direção da SPO, decorreu logo no primeiro dia, num simpósio conjunto do Conselho Brasileiro de Oftalmologia e da SPO. “À semelhança do que já ocorrera no nosso congresso nacional, este simpósio dividiu-se em três temas: glaucoma, retina e *advocacy*”, recorda a também oftalmologista no Centro Hospitalar de Entre o Douro e Vouga.


Na componente do glaucoma, o Dr. Fernando Trancoso Vaz falou sobre cirurgia do glaucoma primário de ângulo aberto, seguindo-se um debate no qual participou a Dr.ª Maria João Menéres. Já na temática da retina, o Prof. Rufino Silva discorreu sobre redução do *burden* no tratamento da degenerescência macular da idade (DMI) exsudativa, o que resultou num debate com intervenções do Prof. Manuel Falcão e de Lilianne Duarte. O terceiro módulo foi dedicado à experiência em Portugal e no Brasil na área jurídica, tendo a introdução ao tema sido feita pela Dr.ª Ana Vide Escada, com a participação da Dr.ª Ana Magriço na discussão.

A SPO organizou ainda um simpósio com a Burnier International Ocular Pathology Society (BIOPSY), com especial foco na DMI, e no qual Rufino Silva refletiu sobre genética e prevenção nesta patologia. Já Lilianne Duarte e Manuel Falcão debruçaram-se, respetivamente,



Alguns dos participantes no Simpósio SPO-BIOPSY: Prof. Paulo Cesar Ferreira, Prof. Maurício Maia, Prof. Joaquim Murta, Prof. Rufino Silva, Prof. Miguel Burnier, Prof.ª Lilianne Duarte, Prof. Manuel Falcão e Dr. Miguel Trigo.

nas formas intermédia e avançada da DMI, enquanto o Prof. Joaquim Murta apresentou novas abordagens sobre cirurgia do segmento anterior.

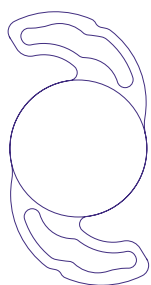
O simpósio SPO-BIOPSY ficou marcado por uma homenagem surpresa a Rufino Silva, que recebeu uma distinção do Prof. Miguel Burnier, “salientando o papel muito importante do ex-presidente da SPO enquanto cientista e professor”, segundo as palavras de Lilianne Duarte. “No final, o balanço da participação portuguesa é bastante positivo, tendo o congresso servido para estreitar os laços já existentes. Paralelamente, enquanto representante da SPO, reuni-me com membros da American Academy of Ophthalmology no sentido de criar parcerias para o futuro”, revela a oftalmologista, destacando ainda as participações da Prof.ª Maria João Quadrado, do Dr. Guilherme Castela e da Dr.ª Ana Duarte no âmbito deste evento.  **Pedro Bastos Reis**

PUB.

## NOVA DISTRIBUIÇÃO EM PORTUGAL

# Keraring®

## Segmento de Anel Intracorneano



Compatible with all  
Precizon Family IOLs



 **MEDIPHACOS**  
Together to see further

**ophtec**  
Clearly

Para mais informações, contatar: Customer Service 215 900 801



# COLÓQUIOS DE OFTALMOLOGIA INICIARAM ANO CIENTÍFICO

Balanco em vídeos e fotografias



Com organização tripartida entre a Clínica Universitária de Oftalmologia, o Serviço de Oftalmologia do Centro Hospitalar Universitário Lisboa Norte/Hospital de Santa Maria (CHULN/HSM) e o Instituto de Oftalmologia Dr. Gama Pinto, os Colóquios de Oftalmologia decorreram em fevereiro passado, em Lisboa.

Diana Vicente



Alguns dos intervenientes e organizadores do evento: 1.ª fila – Prof.ª Filomena Ribeiro, Dr. Walter Rodrigues, Dr.ª Sandra Barrão e o Prof. Carlos Marques Neves. 2.ª fila – Dr. Alfonso Arias-Puente, Dr. José Alfonso, Dr. Álvaro Fernández-Vega González e Dr. Joaquín Fernández. 3.ª fila – Prof. Luís Abegão Pinto, Dr. Paulo Guerra, Dr.ª Ana Miguel Quintas, Prof. Pedro Menéres e Dr. Tiago Ferreira.

Como refere o Dr. Walter Rodrigues, diretor do Serviço de Oftalmologia do CHULN/HSM, os Colóquios destacam-se pela “diversidade de temas” e pela vincada aposta formativa, à qual é dedicada uma parte significativa do programa. Nesse sentido, a manhã do primeiro dia, 10 de fevereiro, ficou marcada pelo curso prático de suturas na córnea e pela primeira parte do curso EUPO, dedicada à avaliação motora e sensorial do doente com estrabismo.

Já da parte da tarde, os formandos dividiram-se em duas atividades formativas: uma sobre segurança do doente em Oftalmologia, destinada a médicos e enfermeiros, e outra sobre cirurgia da catarata, no âmbito da segunda parte do curso EUPO. “Neste curso, foram abordadas as novidades em relação à cirurgia da catarata, uma cirurgia cada vez mais prevalente, dadas as alterações demográficas”, sintetiza a Prof.ª Filomena Ribeiro, uma das moderadoras da sessão. As lentes intraoculares multifocais e tóricas, os sistemas digitais integrados e a cirurgia de catarata simulada foram alguns dos temas discutidos neste curso, tendo a diretora do Serviço do Hospital da Luz destacando a preleção focada no impacto ambiental.

“A saúde representa cerca de 5% da poluição no mundo”, adverte o Prof. Carlos Marques Neves, preletor e responsável pela Clínica Universitária de Oftalmologia no CHULN/HSM, salientando a importância da consciencialização sobre este tema. “Temos de despertar os oftalmologistas para um *match* clínico correto. Porque o desperdício tem uma pegada ecológica muito significativa. As ações corretivas são, por isso, urgentes”, alerta Carlos Marques Neves. E justifica a escolha deste tema para esta edição do evento: “Em todas as edições procuramos trazer novidades, com o intuito de desafiar os participantes a pensarem sobre problemáticas que devemos enfrentar.”

Ainda neste primeiro dia de Colóquios, destaque para a apresentação dos resultados do ensaio clínico PIVOT e para uma sessão de vídeos cirúrgicos nas áreas de glaucoma, estrabismo, retina, córnea e implantorrefrativa. “A visualização de vídeos é muito importante, não só para os internos em formação, mas também para a partilha de conhecimentos entre especialistas nos casos mais desafiantes

e para a aplicação de novas tecnologias”, comenta a Dr.ª Sandra Barrão. Do restante programa científico dos Colóquios, a diretora clínica no Instituto de Oftalmologia Dr. Gama Pinto, em Lisboa, destaca a abordagem à “administração de injeções intravítreas no tratamento da degenerescência macular da idade”. “Trata-se de uma doença que afeta uma grande parte da população com idade mais avançada, com um enorme peso para as instituições de saúde, quer a nível logístico, quer a nível económico”, justifica.

## INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

No segundo dia de evento, 11 de fevereiro, decorreu a terceira parte do curso EUPO, desta feita sobre abordagem cirúrgica aos principais estrabismos da infância, com preleções sobre exotropias, endotropias, cirurgia de pequeno oblíquo e síndromes de Brown e Duane.

De seguida foram apresentadas as novidades do glaucoma para 2023, tanto ao nível da cirúrgica, como do diagnóstico, do tratamento farmacológico e da inteligência artificial (IA). “O glaucoma atinge uma percentagem muito grande de doentes e, com o envelhecimento da população, vai tornar-se cada vez mais prevalente, daí a importância do diagnóstico precoce”, alerta Walter Rodrigues, revelando que o “Serviço de Oftalmologia do CHULN/HSM será o primeiro serviço a nível internacional a realizar um rastreio de glaucoma através da IA”. “O glaucoma requer muitos exames tanto no diagnóstico como no seguimento, ao passo que a IA permitirá uma diminuição de custos, através de uma seleção automática de doentes, requerendo apenas uma fotografia do fundo ocular”, antevê.

Conforme explica o Prof. Luís Abegão Pinto, a IA já é utilizada no CHULN/HSM desde novembro de 2022, sendo as “análises internas de validação francamente positivas”. “O passo seguinte é utilizar esta ajuda tecnológica para implementar algo que até há pouco tempo nos parecia impossível transpor do papel, concretamente os rastreios populacionais”, afirma o coordenador da Secção de Glaucoma do CHULN/HSM, referindo que nos próximos meses será introduzido, “de forma piloto, o rastreio conforme preconizado pela Estratégia Nacional para a Saúde de Visão”. E conclui: “Esperamos apresentar já na próxima edição dos colóquios os resultados destes rastreios.”

Comentando o papel da IA na Oftalmologia, Filomena Ribeiro, membro da comissão científica dos Colóquios, considera que esta “é, hoje, uma realidade que se vai desenvolver rapidamente no futuro”. “Portanto, é necessário entrarmos nas dinâmicas da IA e em tudo o que esta pode trazer em termos de mais-valias para o conhecimento científico, sem descurar na segurança e na supervisão”, conclui a especialista.

Os Colóquios de Oftalmologia terminaram com a sessão *rapid fire presentation*, na qual os internos tiveram possibilidade de apresentar trabalhos sobre cirurgia vitreoretiniana e implantorrefrativa à avaliação de um júri composto pelo Prof. Amândio Sousa Rocha, pela Prof.ª Andreia Rosa e pelo Dr. João Nascimento. Os cinco melhores trabalhos receberam como prémio uma ação de formação *Hands On* no Alcon Experience Center, em Barcelona, a realizar pela Clínica Universitária de Oftalmologia do CHULN/HSM.



O evento contou com cerca de 300 participantes.

# REUNIÃO DO GER EM BALANÇO



Alguns dos organizadores da reunião: Dr.ª Teresa Quintão, Prof.ª Ângela Carneiro, Dr.ª Rita Flores, Doutor António Campos e Dr. José Henriques.

A cirurgia vitreoretiniana, os novos tratamentos para a atrofia geográfica e os vídeos cirúrgicos foram alguns dos destaques da 7.ª Reunião Científica Internacional do Grupo de Estudos da Retina (GER), que decorreu nos dias 24 e 25 de fevereiro passado, em Lisboa.

 Diana Vicente

Para a Prof.ª Ângela Carneiro, a “participação de convidados internacionais, os painéis de casos clínicos e as sessões de debate e *update*” foram alguns dos *highlights* deste evento, marcado também pelo balanço das atividades do GER em 2022. “Foram premiados quatro trabalhos, num total de 10 mil euros, estando já aberta a candidatura para novos prémios em 2023”, anuncia a presidente do GER, destacando ainda o trabalho desenvolvido no retina.pt. “É a única base de dados sobre retina em Portugal, estando ligada a congéneres internacionais. É muito importante, porque permite-nos juntar informação da vida real e ver como estamos a trabalhar em Portugal”, afirma a também oftalmologista no Centro Hospitalar Universitário de São João, no Porto.

O programa científico da reunião arrancou com uma sessão conjunta entre o GER e o Grupo Português de Retina e Vítreo da Sociedade Portuguesa de Oftalmologia (SPO). “Foram apresentados cinco vídeos cirúrgicos, nos quais foram abordados os

cristalinos luxados, as hemorragias da coróide e algumas doenças hereditárias”, enumera a Dr.ª Angelina Meireles, vice-presidente da SPO e moderadora desta sessão.

Seguiu-se a conferência da Prof.ª Marta Figueroa, do Hospital Universitario Ramón y Cajal, em Madrid, sobre plasma enriquecido por fatores de crescimento como complemento à cirurgia vitreoretiniana. “Foi abordada a utilização de hemoderivados na resolução de casos muito difíceis. É uma técnica inovadora no

tratamento de patologias vitreoretinianas, com excelentes resultados”, sintetiza o Prof. João Figueira, oftalmologista no Centro Hospitalar e Universitário de Coimbra e um dos moderadores da conferência.

Por seu turno, o Prof. Gianpaolo Gini, do University Hospital Southampton NHS Foundation Trust, no Reino Unido, proferiu uma palestra sobre danos no nervo óptico durante a cirurgia vitreoretiniana. “É preciso avaliar se o doente é míope, uma vez que nesses casos existe maior probabilidade de desenvol-

vimento de complicações pós-operatórias”, começa por destacar Angelina Meireles. “Durante a cirurgia deve evitar-se pressões intraoculares elevadas para o controlo das hemorragias”, alerta a moderadora e oftalmologista no Centro Hospitalar Universitário de Santo António, no Porto.

O primeiro dia de reunião encerrou com a sessão “GER em Debate”, com foco na retina cirúrgica, tendo Angelina Meireles moderado o painel sobre “buraco macular que não encerra”. “Neste caso, as técnicas mais consensuais e utilizadas são a colocação de membrana amniótica, a utilização de fatores de crescimento através do plasma enriquecido com plaquetas e a utilização de óleo de silicone”, explica.


Ainda nesta sessão, o Prof. João Figueira moderou um painel sobre pelagem da limitante interna no doente com diabetes. “Na cirurgia da vitreoretinopatia proliferativa associada às retinopatias diabéticas proliferativas, a pelagem da limitante interna garante a remoção de todas as trações da área macular e evita o aparecimento de membranas epirretinianas”, realça o especialista. Contudo, “quando não há sinais de tração e a integridade macular parece estar preservada, esta abordagem é controversa, pelo que deve ponderar-se não remover a limitante interna”, adverte.

## NOVIDADES TERAPÊUTICAS

No segundo dia de reunião, na mesa-redonda de *update*, João Figueira debruçou-se sobre novos *timings* na cirurgia de descolamento da retina. “Até há pouco tempo, existiam critérios para operar primeiro os doentes apenas com *macula-on* ou com boa visão. Contudo, estudos recentes demonstram que a cirurgia também tem bons resultados em doentes que tenham descolado a retina com atingimento da mácula, caso haja uma intervenção até três dias após a perda de visão”, defende João Figueira.

Por seu turno, Ângela Carneiro discorreu sobre os novos tratamentos para a atrofia geográfica, destacando a emergência de dois novos fármacos. “Um deles é o pegcetacoplan, aprovado recentemente pela FDA [Food and Drug Administration], e o outro é o avacincaptad pegol, um inibidor do fator de complemento C5 que, com injeções intravítreas repetidas, parece atrasar o crescimento das lesões de atrofia por um período mais longo”, concretiza a presidente do GER. Ao que acrescenta: “Se conseguirmos controlar a atrofia, há uma nova esperança para a DMI [degenerescência macular da idade].”

Em seguida, nas palavras de Ângela Carneiro, o Prof. Adrian Koh, do Singapore National Eye Centre, em Singapura, proferiu uma “conferência de elevado nível científico” sobre otimização do tratamento anti-VEGF nos doentes com DMI. Após mais uma sessão de debate, desta feita sobre retina médica, a reunião terminou com a apresentação de pósteres e entrega de prémios.

A 7.ª Reunião do GER ficou ainda marcada pela apresentação da mais recente edição do livro **25 Perguntas & Respostas sobre Paquicoroide**. “Trata-se de um volume feito em colaboração com a Dr.ª Maria João Furtado e a Prof.ª Sara Vaz-Pereira, num total de 56 autores envolvidos na publicação”, explica a Dr.ª Teresa Quintão, secretária do GER. Esta obra, resume a oftalmologista no Hospital da Cruz Vermelha e no Instituto de Retina de Lisboa, consiste numa “súmula de questões que se podem colocar sobre a paquicoroide, um tema bastante atual”. 



Reportagem fotográfica do evento e destaques das entrevistas



Julho 2023 | Visão SPO







# VIVER RODEADO DE ARTE

Apresentando-se como “um clínico com pequenos *hobbies*” e fugindo do título de colecionador de arte, o Dr. António Cadilha tem hoje um espólio com cerca de 60 pinturas e esculturas. Como passa grande parte do tempo no Instituto Oftalmológico de Miraflores (IOM), onde exerce, expõe aí parte das suas obras. Conta-nos que foi por acaso que lhe surgiu esta paixão, por volta dos 30 anos, mas, desde então, não parou de descobrir mais e de se fascinar constantemente, com a ajuda de alguns amigos artistas. Os interesses do oftalmologista estendem-se a outras manifestações artísticas, nomeadamente a música e a poesia, tendo inclusive o objetivo de publicar dois livros antológicos de poemas.

Diana Vicente



À esquerda, um quadro do pintor Rui Macedo; acima, uma escultura de Pedro Pires com luz projetada por detrás. Tanto no consultório como em casa, António Cadilha gosta de realçar algumas obras com iluminação, à semelhança do que se faz em museus e galerias.

Assim que entramos no gabinete de António Cadilha, no IOM, o olhar foge imediatamente para as várias obras de arte expostas. São seis apenas nesta sala, de um total de 13 em todo o IOM. Quase como numa verdadeira galeria de arte, algumas peças têm projetores de luz estrategicamente colocados. O oftalmologista começou a mobilizar parte do seu acervo artístico de casa para o consultório, adquirindo também obras especificamente para esse local, porque é onde passa a maior parte do seu tempo, além de que, assim, também proporciona aos seus doentes e outros visitantes um contacto com a arte.

Não se trata de uma paixão de infância ou adolescência. Só por volta dos 30 anos é que António Cadilha, hoje com 61 anos, começou a apreciar obras de arte, sobretudo por influência de alguns amigos e conhecidos. “Comecei por comprar umas gravuras do David Almeida e, a partir daí, fui percebendo e apreciando cada vez mais, tornando-se num caminho sem retorno”, graceja. Por essa altura, a situação financeira começava a estabilizar, pelo que, aos poucos, o oftalmologista foi adquirindo alguns trabalhos originais pelos quais se apaixonava.

Ano após ano, António Cadilha foi-se embrenhando, cada vez mais profundamente, no universo da arte, tornando-se amigo de artistas e galeristas, que até lhe ofereceram algumas das suas obras. O oftalmologista confessa que as pinturas e esculturas expostas no IOM o têm ajudado a estabelecer boas relações com as

peçoas que acompanha. “Há doentes que gostam muito de pintura ou escultura e as obras que tenho no consultório são frequentemente motivo de conversa. Alguns partilham comigo as suas experiências nesta área, aconselham-me exposições e até me trazem peças criadas pelos próprios ou seus conhecidos”, exemplifica.

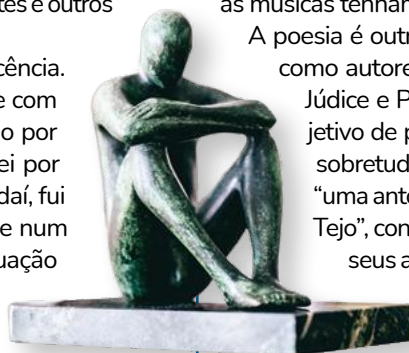
## PAIXÃO POR VÁRIAS MANIFESTAÇÕES ARTÍSTICAS

Na esfera pessoal, a arte também é mote e ponto de partida para convívios. Aliás, o oftalmologista integra “um grupo de amigos que inclui artistas e se junta regularmente, inclusive para visitar exposições. Embora garanta que não comete “grandes loucuras” por esta sua paixão, António Cadilha desloca-se algumas vezes a galerias e museus estrangeiros para visitar exposições de arte, nomeadamente a Madrid, Barcelona ou Paris.

A sua coleção é composta, essencialmente, por obras de artistas portugueses, tendo uma preferência pelas pinturas a óleo, cuja técnica considera mais exigente. As suas referências artísticas são Rui Macedo, na pintura, e Ema M., no desenho. Outros nomes que destaca, embora “infelizmente” não tenha nenhuma das suas obras, são os pintores Jorge Pinheiro, Jorge Queiroz e Jorge Martins, bem como o escultor Rui Chaves. Quanto a correntes da história da arte, o oftalmologista tem predileção pelo modernismo português, sobretudo dos anos de 1920 a 1930, salientando os trabalhos de Mário Eloy, Amadeo Souza Cardoso e Eduardo Afonso Viana.

Entre as várias manifestações artísticas, António Cadilha tem “uma paixão ainda maior pela música”, que considera “fundamental” na sua vida, conseguindo alterar-lhe o estado de espírito de um momento para o outro. A sua preferência recai sobre o formato em CD, porque “denota o cuidado em toda a preparação e, por isso, é uma obra de arte em si mesmo”, justifica. Além disso, “o álbum permite ouvir toda a criação do artista do princípio ao fim, e não apenas uma música isolada, bem como conhecer os músicos, compositores e produtores envolvidos na obra”. Quanto a estilos musicais, o oftalmologista gosta “de quase tudo, desde a ópera ao jazz e até ao heavy metal, desde que as músicas tenham qualidade, sentimento e empenho”.

A poesia é outro dos seus interesses artísticos, evidenciando, como autores, Fernando Pessoa, Alexandre O’Neill, Nuno Júdice e Pedro Tamen. Aliás, António Cadilha tem o objetivo de publicar dois livros com os poemas da sua vida, sobretudo “para partilhar com os amigos”. Um deles será “uma antologia de poemas sobre a cidade de Lisboa e o rio Tejo”, contando com ilustrações de Rui Macedo e Ema M., seus amigos próximos. Pela parte do oftalmologista, “o livro está praticamente concluído”, aguardando apenas pela contribuição dos dois artistas.



Na primeira vez que António Cadilha viu esta escultura de Álvaro Raposo França numa galeria, ficou “completamente apaixonado”. “Na altura, o seu valor ultrapassava a minha capacidade financeira, então, ia muitas vezes a essa galeria só para ver a obra.” Passado algum tempo, o oftalmologista recebeu um pagamento que estava em atraso há vários anos, cujo montante “era exatamente o preço da escultura”. “Saí da clínica e fui diretamente à galeria comprar a obra”, revela.



A pintura que preenche a parede da sala de espera do Instituto Oftalmológico de Miraflores é da autoria dos artistas Rui Macedo e Ema M., a quem o Dr. António Cadilha pediu uma obra que tivesse como elemento central um poema de Alberto Caeiro (Fernando Pessoa). Tudo é pintado, mas a ilusão de realidade é tal que, por vezes, os observadores tentam mexer na folha de papel ou no post-it.

## PERCURSO NA OFTALMOLOGIA

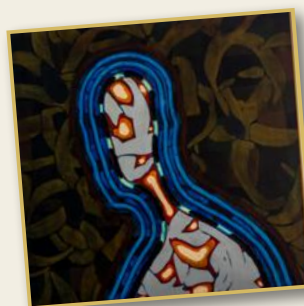
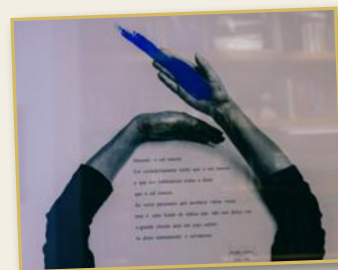
Na altura de escolher o curso universitário, António Cadilha ainda considerou a área da Engenharia, pois “era muito bom aluno a Matemática e a Física”, mas a Medicina acabou por prevalecer. Depois de se licenciar na Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, em 1986, tinha como primeira opção a especialidade de Neurologia, sobretudo por influência do Professor Carlos Garcia. Aliás, durante o internato geral, esteve seis meses num Serviço de Neurologia, mas um colega mais velho desmotivou-o a seguir essa área. Apesar de a Oftalmologia ter surgido na sua vida como segunda opção, hoje em dia, garante que “repetiria a escolha sem hesitar”.

Do internato de Oftalmologia, que realizou no Hospital de Santo António dos Capuchos e terminou em 1993, António Cadilha destaca o papel do Dr. João Eurico Lisboa. “Foi um diretor de Serviço de Oftalmologia, mestre, colega e amigo determinante na minha vida profissional”, confessa. Durante a formação, integrou a equipa que se dedicava fundamentalmente ao glaucoma, sob a coordenação do Dr. Jorge Prates. Porém, ao longo do seu percurso, tem-se afastado desse campo para se dedicar mais à cirurgia implantorrefrativa, que é a sua “área de preferência”.

António Cadilha considera que um dos momentos que mais marcou o seu percurso profissional foi a saída do Serviço Nacional de Saúde (SNS), em 2007. Além da “subordinação dos médicos e direções de serviço às administrações hospitalares”, foi desmotivado pela “falta de reconhecimento de um trabalho tantas vezes desenvolvido em condições adversas”. No entanto, a sua decisão “não foi tomada de

ânimo leve e até foi adiada por alguns anos”. Passou então a exercer no IOM, que fundou juntamente com o Dr. Fernando Ferreira Pinto e o Dr. João Lisboa. Os três sócios partilham “mais ou menos das mesmas linhas orientadoras”, inclusive no que diz respeito à inclusão da arte no espaço de trabalho. 👁


As obras expostas nas paredes do Instituto Oftalmológico de Miraflores (IOM) “são fundamentalmente pinturas a óleo e desenhos”. “Só tenho uma exceção: a serigrafia de Helena Almeida com um poema de Pedro Tamen [à direita], que tem muito significado para mim. É o que eu considero uma obra de arte perfeita, porque harmoniza o contributo de dois artistas de artes diferentes”, justifica António Cadilha, revelando que procurou esta obra durante muito tempo até a conseguir encontrar.




**MARQUE NA SUA  
AGENDA...**

Reunião do Grupo Português  
de **Retina  
e Vítreo**

27 | 28 Outubro 2023 Teatro Micaelense Ponta Delgada



Açores

 SECRETARIADO  
Sociedade Portuguesa de Oftalmologia  
(+351) 217 820 443 spo@mail.telepac.pt

SECRETARIADO EXECUTIVO  
Veranatura - Conference Organizers  
(+351) 217 120 778 cristinavicente@veranatura.pt

**66<sup>o</sup>**

CONGRESSO  
PORTUGUÊS DE  
OFTALMOLOGIA

30 | 02  
NOV | DEZ

Tivoli Marina  
Vilamoura Hotel  
ALGARVE





SECRETARIADO EXECUTIVO: Veranatura - Conference Organizers  
Rua Augusto Macedo, 12 D. Esc. 2/3 - 1600-794 Lisboa  
Tel.: 217 120 778 cristinavicente@veranatura.pt

**... OS PRÓXIMOS  
EVENTOS DA SPO!**